

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS  
FACULDADE DE LETRAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS E LINGUÍSTICA

AMANDA PRISCILA SANTOS PRADO

**ENTRE GÊNERO, FEMINISMO E UTOPIA:  
As Reconfigurações da Maternidade em Narrativas de Marge Piercy e Octavia  
Butler**

Maceió  
2013

AMANDA PRISCILA SANTOS PRADO

**ENTRE GÊNERO, FEMINISMO E UTOPIA:  
As Reconfigurações da Maternidade em Narrativas de Marge Piercy e Octavia  
Butler**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística da Universidade Federal de Alagoas, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Estudos Literários.

Orientadora: Profa. Dra. Ildney Cavalcanti

Maceió  
2013

**Catálogo na fonte**  
**Universidade Federal de Alagoas**  
**Biblioteca Central**  
**Divisão de Tratamento Técnico**  
**Bibliotecária Responsável: Fabiana Camargo dos Santos**

P896e Prado, Amanda Priscila Santos.  
Entre gênero feminismo e utopia : as reconfigurações da maternidade em narrativas de Marge Piercy e Octavia Butler / Amanda Priscila Santos Prado. – 2013.  
89 f.

Orientadora: Ildney Cavalcanti.  
Dissertação (Mestrado em Letras e Linguística: Estudos literários) – Universidade Federal de Alagoas. Faculdade de Letras. Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística. Maceió, 2013.

Bibliografia: f. 85-89.

1 Butler, Octavia E., 1947-2006 – Crítica e interpretação. 2. Piercy, Marge, 1936- . – Crítica e interpretação. 3. Crítica literária. 4. Maternidade. 5. Relações de gênero. 6. Utopia e distopia. I. Título.

CDU: 82.09



UFAL

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS

FACULDADE DE LETRAS

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS E LINGUÍSTICA



PPGLL

## TERMO DE APROVAÇÃO

AMANDA PRISCILA SANTOS PRADO

Título do trabalho: "ENTRE GÊNERO, FEMINISMO E UTOPIA: AS RECONFIGURAÇÕES DA MATERNIDADE EM NARRATIVAS DE MARGE PIERCY E OCTAVIA BUTLER"

Dissertação aprovada como requisito para obtenção do grau de MESTRE em ESTUDOS LITERÁRIOS, pelo Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística da Universidade Federal de Alagoas, pela seguinte banca examinadora:

Orientadora:

Profa. Dra. Ildney de Fátima Souza Cavalcanti (PPGLL/UFAL)

Examinadores:

Profa. Dra. Lucia Rodriguez de La Rocque (UERJ-Fiocruz)

Profa. Dra. Izabel de Fátima de Oliveira Brandão (PPGLL/UFAL)

Maceió, 08 de março de 2013.

Às minhas mães:  
Josefina, a biológica e de coração  
Paula, minha irmã e segunda mãe  
Cláudia, Cris, Gleide e Lu, mais que tias  
Ildney Cavalcanti, minha mãe acadêmica

## **AGRADECIMENTOS**

O caminho percorrido durante esse estudo não teria sido possível sem o apoio de algumas pessoas, colegas, professoras/es e instituições. Pelo apoio e crédito a essa etapa da minha vida, deixo aqui registrados meus sinceros agradecimentos:

A minha mãe Josefina, pelo incentivo, apoio, afeto, exemplo e paciência digna de uma seda, sem os quais não teria conseguido concluir este trabalho.

A minha irmã Paula, minha segunda mãe, pelo apoio e grande amizade.

Ao meu pai Paulo, por acreditar em mim ao seu modo.

A minha família, em especial às tias Cristina, Gleide, Lucinete e Cláudia, por todo o carinho durante este e outros percursos que resultaram nesse estudo; à irmã do coração, Francynne; e à minha avó Celsa e meu avô Zezinho que, através de seus ensinamentos e sabedorias passados com toda a doçura e carinho, ainda se fazem muito presentes na minha vida e no meu coração.

A minha mãe acadêmica, Ildney Cavalcanti, pela orientação, ensinamentos, amizade, incentivo e confiança.

Às professoras Izabel Brandão e Ana Cláudia Aymoré Martins pela leitura cuidadosa durante a banca de qualificação e pelas sugestões e encaminhamentos.

Às/aos minhas/meus amigas/os e, em especial: Nayara Macena Gomes, entre brigadeiros e quindins, pela ajuda durante os quatro anos de graduação, os trabalhos em parceria, o incentivo e a amizade; Adriana Marinho, pela companhia durante os anos de mestrado, pelas discussões teórico-filosóficas sobre literatura e pelo misto de força e amizade; Hedhyliana Rodrigues, pela delicadeza e amizade (e também pelo grande incentivo durante a elaboração do projeto de mestrado); Jaciara Neves, que além de prima, é uma amiga, pelos lanchinhos que tornaram as tardes dissertativas um pouco menos amargas.

Pelas discussões proveitosas, às/aos colegas das Letras: Luiza Rosiete, Daris Rocha, Eliaquim Teixeira, Gustavo Leão, Gabriella Lins, Analice Leandro, Ari Denisson, Elaine Rapôso, Marina Verçosa, entre outras/os.

A Richard Plácido, mais que melhor amigo e grande companheiro, pela força, incentivo, amor e apoio sem iguais.

A Abel Cordeiro e Ana Laura Delmoni, pelos encaminhamentos que me permitiram retomar esse projeto.

Ao grupo de pesquisa Literatura e Utopia, pelas discussões e encontros acadêmicos cheios de ideias iluminadas e inspiradoras.

A FAPEL e à CAPES, pelo apoio para a realização desta pesquisa.

Ao PPGLL.

A todos/as aqueles/as que, direta ou indiretamente, contribuíram para o meu aprendizado e que me emprestaram um pouco de si para que eu pudesse me encontrar e reencontrar a motivação necessária para seguir em frente.

## RESUMO

O presente estudo está centrado na discussão e análise das formas pelas quais o romance *Woman on the edge of time* (1977), de Marge Piercy, e o conto "Bloodchild" (1984), de Octavia Butler, reconfiguram as noções tradicionais de maternidade a partir de posicionamentos alternativos, tecendo aproximações entre as ficções em foco e as tendências críticas contemporâneas do pensamento político feminista. Para tal, são apresentadas, inicialmente, reflexões sobre as interfaces entre maternidade, gênero e representação, com base em teorizações de Simone de Beauvoir (1949), Adrienne Rich (1979), Elizabeth Badinter (1985; 2011), Susana Funck (1998), Nancy Chodorow (2002), Cristina Stevens (2006; 2007), Susan H. Lees (1984) e Judith Butler (1987). Estas reflexões servem para contextualizar as leituras das narrativas de Marge Piercy e Octavia E. Butler, também informadas por teorizações sobre as qualidades da representação literária (ISER, 2002; ECO, 2010), sobre a paródia (HUTCHEON, 1985; 1991) e sobre gêneros literários (TODOROV, 2010). Por privilegiar uma abordagem interdisciplinar de leitura, o estudo incorpora ainda outros textos da cultura que não o literário, cujos temas dialogam com maternidade, tais como: aborto (DINIZ, 2012), desejo de filhos (DINIZ, 2012) e loucura (MARIZ, 2012). As leituras empreendidas apontam, de modo geral, para uma desestabilização de noções cristalizadas de gênero na cultura, engendradas pelas reconfigurações das noções de maternidade observadas nas ficções de Marge Piercy e Octavia E. Butler. Tais reconfigurações foram analisadas a partir de duas perspectivas: a primeira, através de uma abordagem interdisciplinar de análise que incide em questionamentos referentes às relações de gênero contemporâneas; e a segunda, através da análise do modo como o conto provoca uma ruptura com alguns gêneros da cultura literária através da paródia dessas relações de gênero conforme representadas em formas literárias mais tradicionais.

**Palavras-chave:** Maternidade. Gênero. Utopia. Distopia. Octavia E. Butler. Marge Piercy.



## ABSTRACT

The present study is focused on the discussion and analysis of the ways in which the novel *Woman on the Edge of Time* (1977), by Marge Piercy, and the short story "Bloodchild" (1984), by Octavia E. Butler, reconfigure traditional notions of motherhood from alternative positions, weaving approaches between the fictions focused and some critical trends in feminist political thought. To his end, this study initially presents reflections on the interfaces between motherhood, gender and representation, based on theories by Simone de Beauvoir (1949), Adrienne Rich (1979), Elizabeth Badinter (1985; 2011), Susana Funck (1998) Nancy Chodorow (2002), Cristina Stevens (2006; 2007), Susan H. Lees (1984) and Judith Butler (1987). These reflections function to contextualize the readings of Marge Piercy's and Octavia E. Butler's narratives which are also informed by theorizing about the qualities of literary representation (ISER, 2002; ECO, 2010), about parody (HUTCHEON, 1985; 1991) and about literary genres (TODOROV, 2010). By privileging an interdisciplinary reading approach, the study also incorporates texts from cultural spheres other than literary, whose themes relate to motherhood, such as: abortion (DINIZ, 2012), desire for children (DINIZ, 2012) and madness (MARIZ, 2012). In general, the readings offered indicate a destabilization of crystallized notions of gender in culture engendered by the reconfiguration of notions of motherhood observed in the Marge Piercy's and Octavia E. Butler's fictions. Such reconfigurations were analyzed from two perspectives: the first one, through an interdisciplinary analytical approach that focuses on questions related to contemporary gender relations; and the second, by analyzing the way the story provokes a rupture in relation to some genres of literary culture by means of a parody to such gender relations as represented in traditional literary forms.

**Keywords:** Motherhood. Gender. Utopia. Dystopia. Octavia E. Butler. Marge Piercy.

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO: ENTRE GÊNERO, FEMINISMO E UTOPIA</b> .....	<b>9</b>
<b>2</b>	<b>ENTRE GÊNERO, MATERNIDADE E REPRESENTAÇÃO</b> .....	<b>26</b>
2.1	Algumas noções de maternidade .....	26
2.2	Desconstruindo noções de maternidade .....	33
<b>3</b>	<b><i>WOMAN ON THE EDGE OF TIME</i> E O PARADIGMA DA IGUALDADE</b> .....	<b>39</b>
3.1	O protocolo ficcional da loucura: da ambiguidade narrativa à utopia crítica .....	40
<b>4</b>	<b>A SUBVERSÃO DAS RELAÇÕES DE GÊNERO EM “BLOODCHILD”</b> .....	<b>56</b>
4.1	Uma ruptura de gênero(s) .....	58
4.2	Reprodução alternativa: um texto de múltiplos sentidos .....	59
4.3	O “destino biológico” retomado: parodiando os discursos hegemônicos? .....	61
4.4	As relações de poder em “Bloodchild”: diálogos possíveis .....	65
4.5	A reconstrução literária da maternidade: entre o estético e o político .....	72
<b>5</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	<b>79</b>
	<b>REFERÊNCIAS</b> .....	<b>85</b>

## 1 INTRODUÇÃO: ENTRE GÊNERO, FEMINISMO E UTOPIA

Imagens de esperança em oposição às faltas e desejos de grupos específicos e de indivíduos dos mais diversos contextos históricos: é assim que a utopia se projeta como forma de resistência à noção de cultura sustentada pela ideologia dominante para negar, como nos lembra Moylan (1986, p. 1), determinado aspecto de um sistema social, forjando visões daquilo que “ainda não” se realizou.

A busca por outros mundos ou por outros modos de percebê-los sempre foi uma imagem recorrente nas diversas manifestações artísticas que nos cercam. Na literatura, especialmente aquela calcada em formas pelas quais o mundo representado se mostra como uma alternativa à (ou como uma fuga da) realidade que vivemos, observa-se uma tradição utópica em que o termo futuro nos parece informar mais do que uma previsão daquilo que poderá ocorrer, revelando a projeção de um desejo do presente na esperança de um futuro aparentemente melhor.

Ainda mais antiga que o próprio termo utopia, a projeção de mundos alternativos sempre esteve presente na cultura e na literatura.<sup>1</sup> Partindo de uma ideia de oposição, o pensamento utópico se difundiu por todo o mundo, tendo suas origens relacionadas à imagem da cidade projetada n’*A República* de Platão, aos anseios e desejos populares ilustrados pela terra imaginária e farta da *Cocanha*, de tradição medieval, e conhecida como *São Saruê* na versão brasileira do século XX, até a *Utopia*, de Thomas More (1516). Ao criar o termo “utopia”, More tornou possível o que, mais tarde, passaria a designar um novo gênero literário.

Em *Utopia*, More descreve sua ideia de uma sociedade perfeita [...] More propôs um comunismo platônico, com ressalvas à retenção da instituição família e expondo a igualdade entre homens e mulheres. O indivíduo deveria procurar os prazeres *naturais* da vida de simplicidade, renunciar aos falsos prazeres da riqueza e status, e procurar os prazeres eternos advindos de Deus no mundo futuro. Note-se bem que o termo genérico *Utopia* é um trocadilho na medida em que pode ser entendido no sentido de *lugar nenhum* (grego, *ou*, não; *topos*, lugar) ou *bom lugar* (grego, *eu*, bom) e é o nome dado

---

<sup>1</sup> A este propósito, Kumar (1987) explica que More inventa o “termo” e a “coisa” em sua *Utopia*; deste modo, o “termo” seria a palavra criada para designar a “coisa” e torná-la tangível no âmbito da linguagem. E a “coisa” seria a forma renovada de conceber o mundo fundamentado em ideias de cunho humanista sobre as possibilidades políticas de transformação da sociedade. Há, porém, pesquisadoras/res que defendem que as utopias antecedem a obra de More (e a criação do termo).

originalmente por Sir Thomas More à ilha imaginária de seu romance político de mesmo nome. Lá, todas as coisas são perfeitas: direito, moral, política, e assim por diante; em contraste irônico com a realidade britânica da época. (ERICKSON; ERICKSON, 2006, p. 17, grifos dos autores)

O neologismo de More (1916), que significa ao mesmo tempo “bom lugar” e “não-lugar”, desencadeou uma série de produções que se estruturaram a partir da projeção de imagens de espaços alternativos e politicamente bem organizados.

Conforme as convenções estabelecidas na Renascença europeia, uma narrativa utópica tradicional consiste de uma viagem, empreendida sob a orientação de um guia, a um outro lugar – que tem sido diferentemente definido como *eu-topos* (o bom-lugar) ou como *ou-topos* (lugar nenhum). Expressando os ideais de um capitalismo incipiente, sua preocupação primordial era com o Estado ideal e seu maior objetivo de especulação era a estrutura política e as instituições públicas. Conforme observa Angelika Bammer em *Partial Visions: Feminism and Utopianism in the 1970s* (1991), as utopias tradicionais não se preocupavam com as estruturas essenciais de poder e de relacionamentos humanos, mas tão somente com instituições e sistemas administrativos (13). Assim, o modelo básico inicial é público e definido em termos masculinos e, portanto, político no seu sentido mais restrito. A preocupação com a esfera privada dos relacionamentos e da família estava restrita ao âmbito do romance e da fantasia. A figura utópica, geralmente uma ilha, era apresentada como epítome de perfeição, tornando-se desta forma um instrumento de crítica às instituições existentes no mundo fictício, se distanciando dos problemas enfrentados no dia-a-dia. (FUNCK, 1993, p. 35-36)

A imagem da ilha é representativa da necessidade de isolamento do espaço utópico, que só se atinge por meio do alcance de novos horizontes que se projetam, especialmente na literatura, por meio da linguagem, de uma ficcionalização; pois, como nos adverte Iser, “é pela língua que as ficções adquirem aparências de realidade” (2002). Não é por acaso que a utopia se afirma, principal e paradoxalmente, pela impossibilidade de sua existência.

Umberto Eco (2010), em seus *Seis passeios pelos bosques da ficção*, explica que “ao lermos uma obra de ficção, suspendemos nossa descrença em relação a algumas coisas e não a outras” (p. 83), e que “as fronteiras entre aquilo que devemos acreditar e aquilo em que não devemos acreditar [na narrativa] são bastante ambíguas”, pois a leitura de uma narrativa se dá através de uma espécie de acordo entre a leitora e a obra: ao aceitar esse acordo, a leitora concorda que aquele texto é um fingimento, mas que deve ser entendido, nesse contexto, como se

realmente tivesse acontecido (p. 83). Entretanto, como coloca o autor mais adiante, há narrativas que se “auto-invalidam” (p. 87), ou seja, que se mostram como impossíveis ou inverossímeis. É esse o caso das utopias literárias, que, em suas metáforas de projeção de um futuro imaginado ou da busca por algo aparentemente melhor e ideal, se mostram como impossibilidades dentro daquele universo narrativo. É justamente por isso que a figura da ilha, tradicionalmente utópica, vem se desconstruindo e passando a se manifestar através de outras dimensões espaço-temporais na contemporaneidade. Como coloca Martins, esse tipo de imagem não representa mais uma utopia na atualidade, pois seu alcance não nos é impossível como na época em que More escreveu *A Utopia*.

Após o abalo radical das tradições trazido pela Revolução Francesa, as utopias a-históricas da “felicidade tranqüila” tendem a se esvaziar, pois passa a não ser mais possível ignorar a potência simultaneamente demolidora e criadora do movimento histórico. Além disso, o tema da ilha, que até então funcionava como um eixo bastante recorrente de sustentação das aspirações utópicas, começa a perder terreno: afinal, nesse momento, os recantos mais longínquos do globo já foram suficientemente desbravados pelo Ocidente, não sendo mais a incógnita que representavam para o homem do início da Era Moderna. (MARTINS, 2007, p. 75)

Se por um lado as imagens mais tradicionais da ilha se mostravam como uma fuga à realidade e ao presente da “Era Moderna”, em que a metáfora da utopia se figurava na idealização deste lugar até então inalcançável e aparentemente melhor; por outro, as formas contemporâneas de metaforização da utopia vêm ganhando novas formas e espaços.

Em *Woman on the edge of time*, de Marge Piercy, publicado originalmente em 1976<sup>2</sup>, o caráter utópico se dá por meio da representação futurística – ou seja, centrada na dimensão temporal –, de formas de organização familiar e de maternidade aparentemente melhores que a vivência da protagonista Connie, uma mulher cuja identidade de gênero, classe, etnia, faixa etária, entre outros aspectos, é estigmatizada pela sociedade norte-americana dos anos 1970. Em paralelo, o conto “Bloodchild”, de Octavia E. Butler, publicado em 1984<sup>3</sup>, foco deste trabalho, apresenta um espaço utópico que tem caráter mais futurístico e passa a ser representado por um planeta alienígena. Na narrativa de Butler, tal espaço se

---

<sup>2</sup> Ano referente à primeira publicação. A edição consultada foi a de 1983.

<sup>3</sup> Ano referente à primeira publicação. A edição consultada é a de 1995, listada nas referências.

mostra como o único planeta no universo em que a sobrevivência dos seres humanos ainda é possível. Contudo, estes são submetidos a uma série de obrigações biológicas, às quais tratarei mais adiante, em favor de uma “vaga” em uma área isolada chamada *Preserve*<sup>4</sup>, para esta sobrevivência.

Ambas as narrativas apresentam formas literárias que apontam, de modo geral, para a ambiguidade textual de que são produtos. Seja pelo gênero ao qual pertencem, que pode ser lido tanto como “bom-lugar” quanto “não-lugar”, seja pelas suas construções narrativas diferenciadas e inovadoras, que questionam a cultura e a literatura de formas distintas, tais narrativas se mostram numa dualidade entre um e outro plano ficcional em suas estratégias e reconfiguram, cada qual ao seu modo, noções cristalizadas de gênero e maternidade. O romance de Piercy apresenta diversos planos narrativos, dentre os quais podemos mencionar a dimensão ficcional de Mattapoisett e a do presente de Connie, bem como o vínculo entre tais dimensões através do possível – e questionável – diagnóstico de esquizofrenia atribuído à personagem, o que proporciona algumas lacunas na narrativa que são preenchidas por especulações e/ou reflexões sobre tais planos ficcionais em diálogo com seus propósitos críticos. Tal qual a forma literária do conto, associada à metáfora da fotografia por Cortázar (1982), por seu caráter de brevidade em comparação ao filme/romance, a narrativa de “Bloodchild”, por sua vez, pode ser entendida como um recorte da história e, portanto, em alguns momentos, são feitas sínteses de tudo aquilo que antecede o tempo da narrativa e que explicam os acontecimentos do seu presente. Sobre esse aspecto, Umberto Eco revela que

qualquer narrativa de ficção é necessária e fatalmente rápida porque, ao construir um mundo que inclui uma multiplicidade de acontecimentos e de personagens, não pode dizer tudo sobre esse mundo. Alude a ele e pede ao leitor [e à leitora] que preencha uma série de lacunas. Afinal [...], todo texto é uma máquina preguiçosa pedindo ao leitor [e à leitora] que faça uma parte de seu trabalho. (2010, p. 9)

No caso da ficção científica, por se tratar de uma forma menos mimética, este trabalho por parte da leitora se torna ainda mais complexo, pois essas narrativas não têm necessariamente como referência as mesmas leis de organização e coerência

---

<sup>4</sup> Termo traduzido para o português por Ronaldo Sergio de Biasi como “Reserva”. Apesar da existência desta tradução, opto neste estudo por utilizar minhas próprias traduções das citações utilizadas.

do mundo. No caso específico de *Woman on the edge of time*, tais lacunas se inscrevem nas dúvidas sobre o que é real e o que é fruto da imaginação de Connie dentro da narrativa; não podendo chegar a um consenso a respeito, uma vez que a protagonista é dita louca pela sociedade com a qual convive, a leitora se vê num labirinto de informações em que sua bagagem cultural vai incidir diretamente na leitura do romance e suas múltiplas possibilidades. Devido a estas múltiplas possibilidades interpretativas, esta obra foi considerada uma das precursoras do que Moylan (1986) denomina utopismo crítico, um viés mais elaborado e politizado do gênero que floresce a partir dos anos 1970, e que será abordado de forma mais aprofundada adiante, principalmente nas obras de ficção científica, e caracteriza-se por um estilo auto-reflexivo que rompe com a forma tradicional das utopias e funciona, sobretudo, como uma crítica à própria tradição do utopismo literário e, especificamente, às relações sociais contemporâneas (MOYLAN, 2003). Já em “Bloodchild”, essas lacunas se explicam e se propõem a todo o tempo a partir das hesitações, dúvidas e lembranças do narrador e demais personagens, sobretudo por se tratar de uma narrativa futurista e que subverte as relações de gênero. Pertencente a um subgênero que ficou conhecido como “distopia crítica”, como um prolongamento do utopismo crítico mencionado acima, cujos contornos são predominantemente negativos na supressão do desejo, esse tipo de narrativa surge no final do século XX.

Em relação à utopia, essa típica característica da literatura é observada nas relações entre o passado e o presente de ambas narrativas: Connie se vê no embate entre o seu presente distópico e o possível futuro com o qual tem contato através de sua forte sensibilidade e poder de comunicação, fortalecidos pela condição de introspecção forçada pelo ambiente de isolamento social e aprisionamento a que é submetida; no conto, contudo, o momento utópico se dá antes do tempo em que inicia o conto, por meio da busca por um espaço fora da terra em que os humanos, fugindo das difíceis condições que haviam se instaurado no planeta, pudessem sobreviver. No momento em que alcançam aquele espaço utópico, no entanto, a utopia se inverte e passa a prevalecer, num momento agora pós-utópico, a forma distópica na perspectiva dos humanos. Em seguida, e em se tratando de uma possível “história de amor”, como veremos mais adiante, há, no entanto, uma tendência utópica.

Ainda que sua categorização como gênero híbrido lhe confira, em termos de definição de seu valor estético, um espaço marginal entre o discurso literário e o político, o gênero utópico é de extrema importância para a arte, pois a representação de desejos e esperanças humanas no veículo literário se revela como um dos motivos pelos quais o ficcional se configura e se revela como tal: a princípio, como uma fuga ou idealização da realidade questionadora da cultura, mas é, também, algo mais; e esse “algo mais” diz respeito aos aspectos individuais de cada obra por meio dos quais ela se configura como obra de arte, o seu diferencial.

O fato de as narrativas estudadas serem permeadas por momentos utópicos e distópicos, portanto, corrobora a ideia de que as utopias e distopias tratam-se, sobretudo, de gêneros híbridos, não puramente utópicos ou distópicos. Como nos adverte Todorov em sua *Introdução à literatura fantástica*, “as obras não devem coincidir com as categorias as quais têm apenas uma existência construída; uma obra pode, por exemplo, manifestar mais de uma categoria, mais de um gênero” (2010, p. 26) A hibridez é, nesses termos, antes uma característica própria da literatura que um impasse metodológico. Embora o conto apresente características dos subgêneros narrativos utópicos e distópicos, a leitura aqui proposta não pretende escolher entre um ou outro caminho, uma vez que, segundo a percepção vigente sobre utopismo crítico, não há utopias ou distopias puras, mas discutir até que ponto as reconfigurações de maternidade presentes nas narrativas em foco podem apresentar formas, funções e conteúdos utópicos ou distópicos e o modo como essa ambivalência contribui para iluminar o propósito crítico dos textos.

As escritoras feministas do gênero utópico, mais especificamente no caso das ficções científicas, têm demonstrado grande percepção da correlação entre questões de gênero e ciência na sociedade patriarcal. Suas obras vêm lidando com questões referentes às áreas da biologia e da sociologia em suas tentativas de problematizar noções cristalizadas de gênero por meio de uma revisão política do comportamento humano.

Até pouco tempo, antes das mudanças ocorridas em favor do pensamento político feminista, a mulher não podia adentrar a esfera pública e, assim, a escrita não era uma atividade entendida como feminina. Paradoxalmente, e como uma forma brilhante de subverter essa lógica do patriarcado, as autoras do século XX



usaram justamente a escrita para se posicionar e se restabelecer na literatura, negando os estereótipos patriarcais em que as mulheres são entendidas como sujeitos frágeis, maternos, provedores e submissos. No que diz respeito a este estudo, interessa-me particularmente o modo como as escritoras fizeram e fazem uso do artifício da escrita para reconstruir na literatura uma tradição literária para e sobre a mulher, proporcionando, no que diz respeito a esse estudo, e que tem sido uma das maiores agendas do feminismo, uma revisão das noções de maternidade e suas reconfigurações a partir de imagens alternativas de concepção, reprodução, família e sociedade.

A partir do século XX, especialmente no contexto de língua inglesa, principalmente sob o impacto da Segunda Onda do Feminismo, passam a se destacar no terreno das utopias literárias as narrativas de autoria feminina, dentre as quais podemos mencionar como mais representativas ou mais lidas as de Marge Piercy, Ursula Le Guin, Joanna Russ, entre outras. Suas utopias ficam conhecidas como críticas (MOYLAN, 1986) e se projetam a partir das lacunas existentes nos discursos patriarcais. Em paralelo, surgem também as chamadas distopias críticas, que Moylan (2000) denomina “sombras da utopia”, ou uma forma de utopia às avessas, subgênero em que se destacam as escritoras Octavia E. Butler, Margaret Atwood e Jeanette Winterson, para citar algumas. Embora eu me refira a tais obras como distópicas ou utópicas, conforme já apontado, essa separação se dá apenas em função da predominância de uma ou de outra forma; entretanto, é importante ressaltar que as utopias e distopias se encontram em um *continuum*: suas fronteiras não são nítidas, mas ambivalentes. Elas são, pois, projeções de uma ambiguidade que é tipicamente literária, mas que não se encerram em categorizações, como nos têm mostrado as leituras das obras das referidas autoras na atualidade.

Segundo Cavalcanti (2003), leituras feministas de obras de autoria feminina têm demonstrado que a literatura e a utopia dialogam à medida que, ao descreverem espaços/tempo alternativos, estas narrativas expressam desejos e esperanças humanas, questionando atitudes e valores já naturalizados pela cultura dominante. Se por um lado tais valores já foram de tal modo incorporados à cultura de forma que passem despercebidos na realidade, na literatura é justamente um

desequilíbrio de poderes entre os sexos, sob a ótica do exagero, que evidencia o seu princípio crítico: daí resulta uma proximidade entre as distopias e as sátiras.

Surgida por volta dos anos 1970, a crítica feminista fez aflorar uma ótica de leitura literária até então ignorada pela história da literatura. Tendo como norte o pensamento feminista e, deste modo, a ótica da alteridade e da diferença, historiadoras, críticas da cultura e, importantes para esse contexto, estudiosas da literatura, passaram a resgatar e reinterpretar as obras literárias de autoria feminina, numa postura de resistência ao que se entendia como saber literário até então. O breve panorama apresentado a seguir esboça a trajetória desta vertente da crítica com o objetivo de melhor situar a produção literária sob enfoque.

Na tradição literária, mesmo aquela escrita por mulheres, a representação da mulher foi, por muitos anos, predominantemente configurada a partir do desejo heterossexual masculino, pois, como nos adverte Funck (2010), tudo o que se escreve se dá “a partir de uma tradição literária, negociando-se entre significados herdados e posicionamentos alternativos, mas sempre em relação ao que está culturalmente disponível” (p. 33). Antes da reviravolta feminista, tudo o que se tinha culturalmente disponível, com poucas exceções, era uma cultura patriarcal que não levava em consideração a mulher além do âmbito doméstico e de sua capacidade de reprodução e que também limitava sua participação na sociedade e na cultura. Deste modo, Funck aponta para algumas considerações importantes acerca do que ela chama de “segunda grande fase do feminismo ocidental” (2010, p. 33). Primeiramente, ressalte-se a importância da preocupação crítica com as relações entre literatura e mulher, tanto na escrita quanto na recepção das obras literárias. Convém, ainda, salientar a importância dos movimentos radicais de 1960, bem como da publicação de Kate Millet, intitulada *Sexual Politics* (1968), para a formação inicial de uma crítica feminista, que procurava, entre outros aspectos mencionados por Funck (2010), questionar os estereótipos femininos e os padrões dos clássicos, revelando o modo como a misoginia permeava o veículo literário. Funck afirma ainda que em função de tais pensamentos e reflexões oriundas do surgimento de uma crítica feminista, foi possível iniciar um mapeamento de toda a produção feminina, redescobrimo e reavaliando tais obras, e dando início a uma segunda fase dessa crítica feminista, denominada ginocrítica. De tal mapeamento, foi possível traçar uma

tradição literária especificamente feminina de oposição. A princípio, os estudos que tratavam dessa temática não se preocupavam com a teoria, eram mais voltados para a construção de uma nova tradição literária.

Vários estudos pioneiros podem ser aqui incluídos, como os de Patricia Meyer Spacks (*The Female Imagination*, 1975), Ellen Moers (*Literary Woman*, 1976), e Sandra Gilbert e Susan Gubar (*The Madwoman in the Attic*, 1979). Durante este período, enfatizava-se o antagonismo. Havia pouca ou nenhuma preocupação com a teoria, associada que era com a fria racionalidade masculina.

Mas, conforme observa Elaine Showalter, “se a crítica feminista tem como mãe a causa das mulheres, é também filha do velho estatuto crítico patriarcal e tem que assumir sua dupla origem”. (FUNCK, 2010, p. 33, tradução da autora)

Ainda segundo Funk, num terceiro momento, a crítica feminista começa a levar em consideração aspectos teóricos, tais como “produção”, “recepção” e “influência”, revisitando conceitos herdados da cultura dominante para se posicionar de maneira alternativa: “O novo interesse pela teoria foi também incentivado pelo contato entre três correntes diferentes do feminismo: a norte-americana, com seu interesse sócio-histórico; a inglesa, com sua ênfase no marxismo e na cultura popular; e a francesa, de orientação psicanalista (Kristeva e Cixous)” (FUNCK, 2010, p 34).

Como principal consequência de tais mudanças no pensamento crítico feminista, em meados dos anos 1980, emergiu a categoria “gênero” como objeto de análise na literatura. Tal categoria se encontrava, até então, esquecida por força do humanismo liberal do século XIX. “A partir da perspectiva de gênero, o texto literário passou a ser visto em relação ao discurso hegemônico como um instrumento de ideologia e como um dos lugares onde a subjetividade é construída” (FUNCK, 2010, p. 34).

O projeto feminista, na sua tentativa de desconstruir e revisar os scripts tradicionais de feminilidade, deve portanto lidar não com as ideias em si, mas com as convenções narrativas em que tais ideias vêm expressas. Uma conscientização crítica do poder da linguagem e do discurso, onde premissas ideológicas estão embutidas, se constitui no primeiro passo em direção a mudanças. (FUNCK, 2010, p. 34)

Os estudos culturais surgem, assim, da necessidade de se repensar o conceito de cultura, entendendo-a como uma realização da sociedade e não como

um campo pertencente a uma minoria canônica. Deste modo, as produções culturais passam a ser entendidas como inerentes ao modo de vida social e tanto o contexto sócio-histórico quanto a obra em si são objetos de estudo igualmente importantes. Ressalte-se, contudo, que

O trabalho fronteiriço da cultura exige um encontro com “o novo” que não seja parte do *continuum* de passado e presente. Ele cria uma ideia de novo como ato insurgente de tradução cultural. Essa arte não apenas retoma o passado como causa social ou precedente estético; ela renova o passado, refigurando-o como um “entre-lugar” contingente, que inova e interrompe a atuação do presente. O “passado-presente” torna-se parte da necessidade, e não da nostalgia, de viver. (BHABHA, 2003, p. 27, grifos do autor)

É importante salientar que tal pensamento crítico da cultura, pelo viés feminista, sempre teve a maternidade como um dos pontos cruciais de reflexão e discussão. Teóricas como Rich (1979) e Chodorow (2002) abordam essa temática e seus estudos demonstram a importância das construções culturais relativas à maternidade para se compreender e questionar a cultura. Acerca da função biológica e das transformações sofridas pelo corpo feminino durante a ovulação, mostrando-nos como a capacidade de procriação pode parecer estranha ao corpo de uma mulher e lhe tornar alheia a si mesma, e ao mesmo tempo provocando uma reflexão sobre esse tema de modo que sua discussão e a transgressão de valores arraigados na cultura patriarcal dominante se mostrem como um dos possíveis caminhos para a libertação do sujeito feminino, Simone de Beauvoir explica em seu clássico estudo sobre a mulher, *O segundo Sexo*, originalmente publicado em 1949<sup>5</sup>:

É nesse período que ela sente mais penosamente seu corpo como uma coisa opaca alienada; esse corpo é presa de uma vida obstinada e alheia que cada mês faz dentro dele um berço; cada mês, uma criança prepara-se para nascer e aborta no desmantelamento das rendas vermelhas; a mulher, como o homem, é seu corpo, mas seu corpo não é ela, é outra coisa.” (DE BEAUVOIR, 2009, p. 61-62, grifo da autora)

Tendo em vista o contexto histórico apresentado acima, a discussão que aqui se insere está centrada na análise da forma pela qual narrativas utópicas e distópicas de autoria feminina reconfiguram determinadas noções de maternidade a partir de posicionamentos alternativos, sobretudo aquelas mais tradicionais em que o papel de mãe é atribuído às mulheres em função da biologia. Como coloca Simone

---

<sup>5</sup> Ano referente à primeira publicação. A edição consultada é a de 2009.

de Beauvoir, a gestação é uma experiência bastante complexa e que merece atenção especial por parte dos estudos de gênero. Mas vai além disso:

A mulher conhece uma alienação mais profunda quando o ovo fecundado desce ao útero e aí se desenvolve. Sem dúvida, a gestação é um fenômeno normal que, em se produzindo em condições normais de saúde e nutrição, não é nocivo à mãe; estabelece-se mesmo, entre ela e o feto, certas interações que lhe são favoráveis. Entretanto, contrariamente a uma teoria otimista cuja utilidade social é demasiado evidente, a gestação é um trabalho cansativo que não traz à mulher nenhum benefício individual e exige, ao contrário, pesados sacrifícios. Acompanha-se, não raro, durante os primeiros meses, de falta de apetite e de vômitos, que não se observam em nenhuma outra fêmea doméstica e que manifestam a revolta do organismo contra a espécie que dele toma posse; ele se empobrece em fósforo, em cálcio, em ferro, sendo este último *déficit* difícil de ser compensado posteriormente; a superatividade do metabolismo acentua o sistema endócrino; o sistema nervoso vegetativo fica num estado de excitabilidade intensificada; quanto ao sangue, seu peso específico diminui, torna-se anêmico, análogo aos dos “jejuadores, dos que se acham em estado de inanição, dos que sofrem sangrias repetidas, dos convalescentes”. Tudo o que a mulher sadia e bem alimentada pode esperar é, depois do parto, recuperar seu desgaste sem muitas dificuldades.” (DE BEAUVOIR, 2009, p. 62)

A imagem de maternidade apresentada por de Beauvoir transcende as formas mais convencionais escritas ao longo da história pela cultura patriarcal. Se por um lado a autora elenca os aspectos positivos relativos ao papel materno e à gestação, por outro, demonstra como o discurso patriarcal tende a exaltar o lado positivo e benéfico da maternidade em prol de um benefício que, na realidade, não existe para a mulher, escondendo os propósitos que se referem de modo geral à propagação da espécie.

Tendo como base o panorama aqui exposto, o estudo atual surgiu como desdobramento do meu trabalho de conclusão do curso de licenciatura em Letras intitulado “Entre gênero, feminismo e utopia: as reconfigurações da maternidade em *Woman on the edge of time*, de Marge Piercy, e “Bloodchild”, de Octavia E. Butler”<sup>6</sup> (2009), cuja elaboração se deu a partir dos resultados de pesquisa obtidos durante os dois anos em que participei de um projeto de iniciação científica vinculado ao grupo de pesquisa Literatura e Utopia. A análise feita em nível de graduação

---

<sup>6</sup> Parte deste trabalho foi publicado no capítulo “Entre gênero, feminismo e utopia: as reconfigurações da maternidade em “Bloodchild”, de Octavia E. Butler, e *Woman on the edge of time*, de Marge Piercy”, em Cavalcanti e Prado ed. (2011)

suscitou questionamentos envolvendo a interface entre as temáticas da maternidade, da reprodução e continuidade da espécie e as construções culturais de gênero, bem como o modo como tais narrativas, além de se qualificarem por seus valores estéticos, contribuem politicamente para a difusão de teorias críticas da cultura e das relações de gênero.

A discussão que segue está centrada nas análises das representações de maternidade encontradas no romance *Woman on the edge of time*, de Marge Piercy, e no conto “Bloodchild”, de Octavia E. Butler, já mencionados acima, tecendo aproximações entre estas ficções e as tendências críticas contemporâneas do pensamento político feminista no tocante às questões de gênero e maternidade. O eixo temático que se estabelece entre as narrativas sobre as quais me debruço neste estudo reside, portanto, nas noções de maternidade que são reconstruídas pelo texto literário. Isto é, nas imagens de maternidade que são reconfiguradas pelo veículo literário, pois ao se tornarem substância literária, essas imagens de maternidade que são desenhadas na literatura transfiguram as leis às quais estavam sujeitas na realidade e se transformam: são, agora, pois, produtos de uma tradição que se reelabora nas entrelinhas do discurso literário. E essa nova imagem agora não tem mais o compromisso de repetição dos sistemas preexistentes, ela é plástica. Ela não se molda de acordo com o sistema patriarcal predominante em nossa sociedade e suas leis, que antecedem a tessitura das relações humanas reconstruídas pelo texto, mas de forma alternativa e questionadora das relações de gênero em nossa sociedade, proporcionando novas formas de se entender a maternidade e, ao torná-lo possível, faz brotar da própria literatura algo novo, redesenhando ou rasurando certas noções de maternidade em suas inscrições.

Em *O segundo sexo* (2009), de Beauvoir já antecipava as diferenças entre sexo, entendido em termos de um binarismo biológico, e gênero ao afirmar que não se nasce mulher, mas torna-se uma. Ou seja, sexo seria atribuído pela natureza<sup>7</sup>, ao passo em que gênero é uma construção cultural, uma escolha, conforme Butler retoma mais tarde:

---

<sup>7</sup> Saliente-se, no contexto desta discussão, que na vertente crítica feminista da ciência, a própria concepção binária dos sexos vem sendo questionada. Um exemplo é o polêmico artigo de Fausto-Sterling (1993) intitulado “The Five Sexes: Why Male and Female Are Not Enough”.

Se a existência humana é sempre existência dotada de gênero, extraviar-se do gênero estabelecido é em certo sentido questionar a própria existência. Nesses momentos de deslocamento de gênero em que compreendemos que é duramente necessário que sejamos os gêneros em que nos transformamos, defrontamos o fardo da escolha intrínseca a viver como homem ou mulher ou alguma outra identidade de gênero, liberdade que se torna pesada pela constrição social (BUTLER, 1987, p. 143).

Com o exposto, observa-se, de modo geral, uma tendência na área dos Estudos de Gênero de se compreender maternidade não como o destino biológico ao qual está sujeita a mulher, mas como escolha, vontade. É uma questão de poder – e não de dever – ser exercida em função da sua suposta natureza. Para Susan H. Lees (1984), em estudo sobre a representação da maternidade em utopias feministas, uma revisão detalhada de tais obras tem revelado duas visões distintas sobre maternidade. A primeira, com ênfase nas tarefas e responsabilidades relacionadas ao cuidado com os filhos, procura livrar a mulher da forma injusta com que essa carga lhe vem sendo atribuída ao longo da história, mas tende a ignorar a relação amorosa que se estabelece entre mães e filhos. A segunda, mais voltada para o sentimento de maternidade como realização pessoal, diz respeito à relação de amor que a mãe desenvolve com a criança e os retornos benéficos que esse tipo de vínculo pode trazer. Tal concepção também costuma libertar a mãe, que passa a não ser mais a única responsável pelo cuidar, mas com a finalidade de que ela possa ser livre tanto para amar as crianças como também para que ela tenha espaço para outras coisas.

As obras feministas utópicas de modo geral apresentam estruturas que provocam uma revisão das experiências relativas às questões de gênero no tocante a uma diversidade de temas. Alguns destes são: reconfigurações dos corpos, principalmente o feminino, representações do espaço/tempo e a problematização do papel da ciência, especialmente da genética. Entre estes, um dos eixos recorrentes é a representação da maternidade, foco deste trabalho.

A análise das narrativas que abordam essa temática corrobora as questões supracitadas ao apresentar formas alternativas de maternidade que poupam o corpo da mulher de seu “destino biológico”, o que incide numa “libertação” do sujeito feminino da natureza no terreno literário. Assim, tecnologias reprodutivas são (re)criadas nas narrativas do gênero utópico/distópico de modo a provocar um

afastamento entre a maternidade e o sujeito feminino; como resultado, esse tipo de reconfiguração do papéis de gênero é, na narrativa, uma forma de poupar a mulher de um destino que a aprisiona. Como explica Simone de Beauvoir (2009) acerca dos fatores biológicos, com uma discussão que ressoa ao longo dos anos e que historicamente tem servido de pano de fundo para se compreender a redenção cultural da mulher, a natureza não basta para se explicar e definir os papéis de gênero e suas relações.

O equilíbrio das forças produtoras e das forças reprodutoras realiza-se diferentemente nos diversos momentos econômicos da história humana e condicionam a relação do macho e da fêmea com os filhos e, por conseguinte, de um com outro. Mas saímos do campo da biologia: à luz desta, exclusivamente, não se poderia afirmar a primazia de um dos sexos quanto ao papel que desempenha na perpetuação da espécie.

Finalmente, uma sociedade não é uma espécie: nela, a espécie realiza-se como existência; transcende-se para o mundo e para o futuro; seus costumes não se deduzem da biologia; os indivíduos nunca são abandonados à sua natureza; obedecem a essa segunda natureza que é o costume e na qual se refletem os desejos e os temores que traduzem sua atitude ontológica. Não é enquanto corpo, é enquanto corpos submetidos a tabus, as leis, que o sujeito toma consciência de si mesmo e se realiza: é em nome de certos valores que ele se valoriza. E, diga-se mais uma vez, não é a fisiologia que pode criar valores. Os dados biológicos revestem os que o existente lhes confere. Se o respeito ou o medo que inspiram a mulher impedem o emprego de violência contra ela, a superioridade muscular do homem não é fonte de poder. (DE BEAUVOIR, 2009, p. 69)

É justamente com esse tipo de problema que as narrativas utópicas de autoria feminina, principalmente aquelas produzidas a partir dos anos 1970, quando houve a grande ascensão do movimento feminista, normalmente lidam de forma questionadora e inovadora.

Imaginar mundos gendrados alternativamente tem sido a tarefa dos vários feminismos que, em sua diversidade de propostas ao longo da história e em suas mais variadas geografias, têm construído uma agenda comum no sentido de provocar reflexões críticas da cultura androcêntrica para, assim, transformá-la. No âmbito da literatura, a produção ficcional especulativa de autoria feminina vem criativamente problematizando as relações de gênero e metaforizando a busca por formas diferenciadas no tocante às hierarquias de gênero nas relações humanas. (CAVACANTI; PRADO; 2011, p. 9)



Tais questionamentos e discussões tem sido o mote para se repensar sobre a temática da maternidade e suas mais diversas representações na literatura, as quais motivaram o estudo aqui empreendido, e que são imagens recorrentes na literatura utópica/distópica de autoria feminina, com sua natureza especulativa, compreendendo desde os aspectos relativos às maternidades exercidas de formas diferenciadas, até a ausência de mãe, como ocorre em procedimentos como a clonagem, passando pelo emprego das tecnologias de reprodução e seu potencial libertador. Os capítulos que seguem estão divididos em três momentos: um primeiro, que explica essa relação entre a maternidade e sua representação literária dentro do gênero utópico e seu potencial libertador; um segundo dedicado a tais aspectos no romance de Marge Piercy; e um terceiro que trata do conto “Bloodchild” e o diálogo com as teorizações supracitadas.

No capítulo I, discuto a questão da maternidade na literatura e a problematização em torno do conceito de maternagem, mais entendida como uma forma social de se exercer o papel de mãe, ao passo que maternidade está mais associada ao papel biológico. Tal conceito, como explica Chodorow (1978)<sup>8</sup>, foi traduzido para o português a partir do termo em língua inglesa *mothering*, e é essencial para o entendimento das representações de maternidade encontradas nas narrativas em foco. Paralelamente, discuto as relações entre os conceitos de maternidade e maternagem e suas representações na literatura, atentando para o modo como tais representações são, sobretudo, reconstruções estéticas da política de gênero que envolve a questão da maternidade na cultura. Minha leitura revisita algumas posições críticas anteriores em relação a este romance, mais especificamente à questão da representação da maternidade, e recontextualiza esta obra ao (re)considera-la em paralelo a textos contemporâneos da cultura sobre assuntos como aborto (DINIZ, 2012a), desejo de filhos (DINIZ, 2012b) e loucura (MARIZ, 2012a; 2012b).

No capítulo II, analiso o romance *Woman on the edge of time*, de Marge Piercy, narrativa em que a realidade distópica vivida pela protagonista Consuelo Ramos em um hospício é o que a conduz, em uma ambiguidade narrativa que não se pode definir como delírio ou realidade, a uma sociedade utópica do futuro

---

<sup>8</sup> Ano referente à primeira publicação. A edição consultada é a de 2002.

chamada Mattapoisett, em que a figura da mãe não é mais biológica, mas socialmente construída. A imagem de mãe representada em tal sociedade utópica é mais vinculada a um papel social, exercido tanto por homens quanto por mulheres, o que se configura como um paradigma de igualdade de gênero que tanto se tem buscado como um dos ideais feministas e que se aproxima do conceito de maternagem trazido por Chodorow (2002) em sua discussão sobre a maternidade.

No capítulo III, por sua vez, analiso o conto “Bloodchild”, de Octavia E. Butler. O modo como maternidade é tratada na narrativa funciona como uma metáfora para as relações de gênero contemporâneas, em que a mulher é entendida como um corpo destinado à procriação, mas não apenas isso. Na ficção futurista e de caráter extremamente distópico de Butler, protagonizada por um garoto chamado Gan, a convivência entre humanos e alienígenas em um planeta fora do sistema solar e o acordo compulsório de sobrevivência e propagação da espécie selado entre os humanos e os Tlic – espécie alienígena descrita no conto – nos revela o modo como o discurso científico e o patriarcal tendem a aprisionar o corpo feminino à natureza por meio da cultura. Tal acordo estabelece, entre outros deveres, a necessidade de que cada família humana que habita o planeta alienígena forneça um de seus membros para servir de hospedeiro aos bebês Tlic – pequenas larvas que, se não retiradas logo após o período de maturação dos ovos, podem ser letais para seus hospedeiros. Embora isso possa parecer uma mera transferência do encargo feminino da procriação de um planeta para outro, a política de gênero que se estabelece no conto é diferenciada: enquanto as mulheres continuam gerando bebês humanos e, portanto, permanecem presas à biologia, os homens representados naquela obra são os responsáveis por um tipo de maternidade diferenciada – a dos bebês Tlic – o que causa não apenas estranhamento, como também abre caminho para indagações e revisões do papel da mulher em nossa sociedade e na literatura, como veremos mais adiante, nos capítulos que seguem, através de uma revisão da fortuna crítica referente à obra e enfocando as estratégias literárias relativas à paródia, exploradas a partir de teorizações de Linda Hutcheon (1985; 1991) e J. A. Cuddon (1992).

Com base na análise das narrativas em foco, foi possível encontrar subsídios para se pensar a maternidade através de imagens capazes de produzir efeitos (ou

atitudes de leituras) mais críticas e importantes no sentido de recontextualizar a maternidade a partir das leituras prévias do romance e do conto e, também, de apresentar abordagens diferenciadas – e distintas uma da outra – de leitura de tais narrativas. A primeira, através da discussão da problemática da representação da maternidade por um viés interdisciplinar; a segunda, por sua vez, através de uma leitura do ponto de vista literário, levando em consideração o modo como a reconstrução da maternidade se dá no conto a partir de uma revisão paródica de diversos gêneros literários.

## **2 ENTRE MATERNIDADE, GÊNERO E REPRESENTAÇÃO**

### **2.1 Algumas noções de maternidade**

Objeto de estudo de diversas áreas, a maternidade foi, por muito tempo, compreendida a partir de pressupostos patriarcais, instituídos por questões mais relacionadas à cultura que à própria biologia. O entendimento da maternidade como realidade institucional e não instintual denota uma correlação entre constrição e liberdade, por meio da qual o corpo feminino parece ser por natureza condenado à reprodução de vida (STEVENS, 2006). Em parte, isso se deve ao entendimento cultural de que a capacidade de procriar leva a uma necessidade orgânica de exercer a maternidade, como tem sido reforçado pelo discurso da ciência. Contudo, conforme já indicado por de Beauvoir (1949), Rich (1979) e, posteriormente, reafirmado por Butler em seus estudos (1987), o que se vem buscando ao longo dos anos é compreender o fazer-se mãe como uma prática cultural (e, portanto, de escolha) e não natural. Ainda que culturalmente isso possa parecer uma fuga ao destino biológico do corpo feminino, entender maternidade como escolha tem sido uma forma de se repensar a organização familiar, com a qual as obras de autoria feminina têm trabalhado brilhantemente em narrativas utópicas.

Segundo Rich (1979), o entendimento de maternidade como uma instituição política é o que contribuiu, ao longo dos anos, para a predominância do sujeito masculino no domínio e controle das questões ligadas a essa temática nas relações humanas em sociedade. Ainda que de forma reduzida nos últimos anos, é esse domínio exercido em sua maioria por homens – os quais condenam o aborto e exercem o controle da natalidade, por exemplo –, que incide em um aprisionamento da mulher na natureza por meio da cultura, apartando dela as decisões sobre o próprio corpo.

Segundo Collin e Laborie (2009), vários estudos permitiram reconfigurar a maternidade no que diz respeito à relação entre homem e mulher, inclusive no âmbito de direitos e papéis assumidos por ambos. Maternidade está relacionada ao ato de gerar um ser humano, “uma função social em nome da qual reivindicar direitos políticos ou direitos sociais, e uma das fontes de opressão. Operadora de

divisões, ela estrutura as oposições teóricas das feministas” (COLLIN; LABORIE, 2009, p.133).

Especialmente no contexto francês, as autoras apontam duas perspectivas diferenciadas quanto à prática de amas de leite, que inicialmente estava restrita apenas à burguesia e à aristocracia, mas que tomava grandes proporções na população. Esse tipo de prática gerava altos níveis de mortalidade, mas mesmo assim tornava-se crescente. A primeira perspectiva, por Catherine Fouquet e Yvonne Knibielhr, em estudo de 1977, conforme discutida por Collin e Laborie (2009), afirma que essa ação não estava associada à negação do papel de mãe, mas ao fato de que as mulheres possuíam alto poder aquisitivo e podiam pagar por amas de leite ou, ainda, que não tinham condições de amamentar em função de suas ocupações profissionais. A segunda, de Élisabeth Badinter, em estudo de 1980, também analisado por Collin e Laborie (2009), contrapõe a primeira ao afirmar que o fenômeno das amas de leite surgiu por outro motivo: as mulheres não queriam ser mães a fim de poderem viver suas vidas (cultural, social e de aprendizagem) com liberdade e sem o obstáculo que representaria uma criança. “No amor materno não há, portanto, a evidência de um instinto, presente por toda eternidade na natureza feminina: o que há é uma história” (COLLIN; LABORIE, 2009, p. 133-134). No século XVIII houve mudanças expressivas nessa ideologia, especialmente em função dos ideais de Rousseau, e por vezes atualizada aos dias de hoje, em que passa a ser propagada uma nova roupagem para a figura da mulher: a imagem de “boa mãe” surge junto com o princípio do “amor materno”. No final do século XIX em diversos países da Europa, “as feministas buscam assegurar o bem-estar e proteção social de todas as mães, e o reconhecimento como função social que o Estado deve proteger”. As feministas passam a defender a maternidade e o trabalho doméstico como um trabalho legítimo e merecedor de pleno reconhecimento. Por outro lado, também na mesma ocasião, há a propagação da “figura da celibatária autônoma, independente, adepta do amor livre, repudiando o modelo sagrado da mãe-esposa” (COLLIN; LABORIE, 2009, p. 134).

A temática da maternidade tem sido central para o pensamento político feminista, pois foi justamente a partir do entendimento de maternidade como aspecto cultural que foi possível deixar de lado algumas das premissas naturalistas que

costumavam associar a figura da mulher à figura da mãe quando, na verdade, um papel social não implica o outro. Nos contextos internacional e nacional, algumas pesquisadoras têm se detido à temática da maternidade em diversas áreas do conhecimento. Na França, Badinter<sup>9</sup> se dedica à desconstrução de um chamado “mito do amor materno” (1985) e ao entendimento de que o papel de mãe não é inerente ao papel de mulher. Em seu recente estudo sobre maternidade (BADINTER, 2011), enfatizando as diferenças entre o papel da mulher e o da mãe, a filósofa explica que dos anos 1980 até a contemporaneidade vem ocorrendo uma série de mudanças na noção que se tem de maternidade. Essas mudanças, de certa forma, são entendidas por ela mais como uma involução do que uma evolução, pois trazem de volta uma ambivalência contraditória em relação à maternidade: se por um lado os anos 1970 conferiram à mulher um status de liberdade e igualdade através do direito de controle de reprodução através de métodos contraceptivos, o que implica muitos outros deveres em relação à criança que nasce por escolha dos pais; por outro, ao deixar de lado as concepções naturalistas e essencialistas que constroem maternidade como destino, o que passa a ser foco da mulher é a sua realização pessoal, o que não inclui, necessariamente, o desejo de ser mãe.

Até os anos 1970, em função do entendimento religioso da reprodução como obrigação ou como uma espécie de débito com a sociedade em favor da continuidade da espécie, era comum que maternidade e casamento fossem palavras já interligadas à visão predominante da sociedade. Deriva daí, portanto, a noção de que maternidade é instinto: toda mulher, num *status* de normalidade, deveria querer ter filhos. No entanto, com o advento das práticas contraceptivas, e também com o impacto de fatores como os novos paradigmas para o que se entende como família, enveredou-se por outros caminhos: na contemporaneidade já se pode observar que algumas mulheres querem ter filhos, outras não; e isso não quer dizer que ela não possa se realizar de outras formas que não envolvam a maternidade. Assume-se, finalmente, que a maternidade não é mais um “desejo universal” (BADINTER, 2011, p. 18).

---

<sup>9</sup> A filósofa francesa Elizabeth Badinter tem se dedicado aos estudos feministas e, especialmente, à maternidade, objeto de estudo que se encontra no centro dos debates sobre gênero. Suas obras *Um amor conquistado – o mito do amor materno* (1998) e *O conflito – a mulher e a mãe* (2011) lidam, especialmente, com tais questões.

Ao refletir sobre as questões político-feministas que envolvem a maternidade, Kimura discute os posicionamentos observados no âmbito da enfermagem e da psicologia, conforme estudos de Reva Rubin e Antonio da Costa Ciampa. No âmbito da enfermagem, em meados da década de 1960, Kimura afirma que Rubin (1997) introduziu os conceitos de “identidade” e “aquisição do papel materno”, vinculando a incorporação da identidade materna ao momento de nascimento do bebê e compreendendo a gravidez como um período de preparação da mulher para exercer a maternidade no contexto psicossocial. Assim, a incorporação do papel materno se daria a partir de representações de comportamentos relacionados ao papel de mãe, definidos a partir de concepções culturais. Em outras palavras, a identidade corresponderia, portanto, a um processo constituído a partir da experiência, da ação. Kimura (1997) explica, no âmbito da psicologia social, que Ciampa complementa, mais tarde, as questões de identidade já apontadas por Rubin ao indicar que a identidade não se configura a partir da natureza.

Uma vez entendida como inerente ao convívio, a identidade é instituída não isoladamente, mas numa relação através da articulação de noções de diferença e igualdade. Em relação à identidade materna, esta corresponderia, portanto, a um “componente afetivo expresso pela empatia e responsabilidade materna em relação ao seu filho” (KIMURA, 1997, p. 340). E o parto, enquanto processo social, levaria, portanto, a uma mudança na estrutura familiar que transforma e redefine a identidade da mulher, que passa a assumir o papel, também e entre outros, de mãe: “a construção da personagem mãe, durante a gestação, vai-se dando pela repetição de uma identidade pressuposta” (KIMURA, 1997, p. 341).

Embora muito se tenha avançado em termos do entendimento da maternidade como construção cultural, os discursos biológico e médico tendem a entender como natural a aquisição de uma identidade materna por parte da mulher, sendo o parto uma espécie de passagem da identidade prévia da mulher, tida como incompleta, para a identidade de mãe. Essa incompletude que se costuma atribuir à mulher que escolhe não ser mãe é o que tem sido questionado por estudiosas das questões de maternidade, gênero e feminismo como Chodorow (1978), Rich (1979), Butler (1987) e Badinter (1998; 2011).

Ainda na atualidade, trata-se de um tema bastante mistificado, seja por interferência do discurso religioso, seja por meio do entendimento cultural de que a identidade materna está intrinsecamente ligada à natureza. A primeira noção, que entende maternidade como um tema sagrado, tem forte ligação com a imagem de Maria, presente no inconsciente coletivo de nossa sociedade, e que tende a associar a imagem da mãe a um ser constantemente amoroso, sacrificado, sacrossanto (BADINTER, 1985). Julia Kristeva (1995), em “Stabat Mater”, título que faz referência ao hino latino à agonia da Virgem Maria durante a crucificação, ao discutir tal visão católica da maternidade, questiona:

Se não é possível dizer de uma mulher o que ela é (sem correr o risco de abolir sua diferença), seria talvez diferente em relação à mãe, uma vez que esta é a única função do “outro sexo”, para a qual podemos, definitivamente, atribuir existência? (p. 161)

A esse propósito, é importante ressaltar que as várias religiões existentes ao redor o mundo têm defendido, desde os tempos mais remotos, e em oposição ao que tem sido levantado pela bandeira do feminismo, posições bastante rígidas em relação ao casamento e à maternidade.

A segunda, ainda mais problemática, tem origem em outras questões de gênero, as quais serão abordadas no decorrer deste trabalho, que envolvem o papel da mulher na sociedade atual e o paradoxal embate entre natureza e cultura que tende, num discurso de ordem patriarcal, a compreender a mulher em função de sua capacidade de procriar.

Em seu artigo “O corpo da mãe na literatura: uma ausência presente”, Cristina Stevens (2007) explica o modo como as representações culturais do corpo costumam determinar de forma mais contundente a figura da mãe do que a da mulher, associando a primeira ainda mais ao fator biológico por força do discurso de caráter essencialista da sociedade patriarcal dominante. A autora reforça os argumentos que vêm sendo levantados pela crítica feminista, conforme já apontado, ao afirmar que, na atualidade, torna-se cada vez mais necessário o enfrentamento entre os apostos natureza e cultura, a fim de rejeitar o entendimento do comportamento humano exclusivamente pela via do fator biológico.



Somos marcados, de acordo com Stevens (2007), por dois grandes “silêncios” – o nascimento e a morte –, para os quais ainda são dadas explicações patriarcais e, em sua maioria, essencialistas. Desde os escritos da bíblia, os diversos assuntos que envolvem o corpo da mulher e o da mãe têm sido tratados a partir do discurso do patriarcado, por meio da criação de diversos mitos e tabus envolvendo menstruação, gravidez e parto, para citar alguns. A própria dor do parto, a exemplo do que se estabelece no Gênesis, é vista como forma de punição à mulher.

Algumas civilizações do passado acreditavam que a reprodução ocorria de forma partenogenética, ou seja, apenas com a participação do ser que, no discurso da biologia, é tido como fêmea, que teria sido fertilizada pelo deus do sol. Por conta dos seus mistérios e de sua capacidade reprodutiva, a mulher era adorada e temida; seu poder residia não na força física, mas na sua capacidade de gerar vida. Stevens (2011) chama a nossa atenção também para o fato de Freud nos lembrar, em ensaio tratando de Leonardo da Vinci, que em hieróglifo a figura da mãe era representada pelo urubu, pois acreditava-se no Egito antigo que essa ave era capaz de gerar vida sem a participação do macho, sendo fertilizada pelo vento, o que corresponderia a uma forma de gravidez sem pecado, como a figura bíblica de Maria.

Ainda de acordo com Stevens<sup>10</sup>, Engels acreditava que a primeira grande divisão do trabalho também ocorreu por força do fator biológico, bem como a organização dos papéis de gênero na origem da organização familiar, cabendo à mulher a parte referente aos cuidados com a família. Esta divisão se deu não por incapacidade da mulher para o trabalho, mas pela necessidade de cuidados com o bebê. Entretanto, no estágio agrícola do período neolítico, descobriu-se que o homem tinha participação na fertilização da mulher, como ocorria na natureza de modo geral. Com o fim do modelo nômade, a preocupação com as propriedades impulsionaram os homens ao controle da maternidade e do corpo da mulher, pois era a mulher a geradora do herdeiro das propriedades da família.

---

<sup>10</sup> A mesma autora reflete também sobre as relações materiais entre os gêneros e sobre as construções culturais da maternidade que se implicam nestas relações.

A maternidade, tradicionalmente assumida como o alicerce da estrutura familiar, passou a ser controlada de várias formas, com uma surpreendente proliferação de discursos patriarcais que buscam entender e controlar o que se considera o 'imperativo da reprodução'. Uma rápida olhada por algumas dessas formulações, evidencia as perigosas distorções que têm provocado intensos debates no seio do movimento feminista. Iniciamos com algumas idéias de Aristóteles, cuja descrição sobre a função sexual da mulher tornou-se amplamente aceita na antiguidade (STEVENS, 2007, p. 2).

A questão dessa tentativa de controle do corpo da mulher tem sido tratada por várias críticas feministas. Stevens menciona, ainda, entre outros trabalhos, o de Rosemary Agonito, *A history of ideas on woman*, que problematiza algumas concepções de Aristóteles sobre a mulher, além das visões de S. Paulo, S. Agostinho e, mais tarde, de S. Tomás de Aquino, cuja visão em relação à mulher ainda está vinculada à ideia de reprodução em função dos dogmas judaico-cristãos que funcionam, nesses termos, para reafirmar um modelo de supremacia do homem na procriação. A mulher é dita inferior, como aponta Mariana Warner em *Alone of all her Sex*, por ser associada ao pecado e por ter seu corpo entendido como sujo ("depósito de imundícies") enquanto seu útero é visto como objeto de domínio patriarcal para utilidade reprodutiva ("território de utilidade e abjeção") e os seios são "instrumento de trabalho" (STEVENS, 2007, p. 3). Ainda segundo a autora,

Embora a crença na concepção imaculada como evidência de divindade tenha sido comum em civilizações antigas, o processo de cristianização da literatura pagã, a necessidade de negação da nossa origem na matéria, glorificação da castidade e demonização do sexo, tudo isto se processou de forma incompreensivelmente cruel e doutrinária e, a meu ver, ainda merece muitas análises, pois estes dogmas escondem muito mais do que revelam. O corpo da mãe foi transformado em bode expiatório para os temores da carne, da mortalidade; ao mesmo tempo, como nos mostra a psicanálise, é o locus de nossa união perdida com a mãe, nosso primeiro objeto libidinal. (STEVENS, 2007, p. 3)

A problemática da maternidade e toda a sua carga cultural vem sendo ainda muito discutida. Muitas das construções culturais que já existiram e as que ainda estão por vir passam, de alguma forma, pela longa história das suas representações literárias. E é nesse sentido que o presente trabalho encontra seu contexto e também sua justificativa à medida em que empreende novas especulações sobre esta temática que, conforme Stevens na citação acima, "ainda merece muitas análises".

Longe de entender literatura como um reflexo exato da realidade, há de se reconhecer que nada se escreve de completamente novo sem que haja algum pé naquilo que chamamos de realidade. Como nos lembra Umberto Eco (2010, p. 89),

temos de admitir que, para nos impressionar, nos perturbar, nos assustar ou nos comover até com o mais impossível dos mundos, contamos com nosso conhecimento do mundo real. Em outras palavras, precisamos adotar o mundo real como pano de fundo.

O grande jogo literário está justamente na capacidade de transformar a percepção de determinado aspecto comum a partir do modo como este se opera na construção narrativa. Portanto, em outras palavras, para *construir* noções alternativas de maternidade, em termos literários, é preciso antes *desconstruir*. As narrativas aqui estudadas ressignificam as noções tradicionais de maternidade e proporcionam tal desconstrução ao funcionarem como uma reescritura de uma tradição literária que, em sua maioria, tende a representar maternidade numa visão ainda patriarcal e essencialista. Como coloca Adrienne Rich (1979) em seu clássico “When we dead awaken: writing as a re-vision”, reescrever é revisar, é posicionar-se criticamente em relação a algo que não é novo, mas merece um novo olhar.

## 2.2 Desconstruindo noções de maternidade

As ficções científicas utópicas ou distópicas de autoria feminina, além da função estética que é própria da literatura e das artes de modo geral, normalmente se configuram enquanto espaços privilegiados de divulgação de ideias e teorias críticas da cultura, destacando questões referentes a gênero e ciência e, mais especificamente no que diz respeito a este estudo, às questões de maternidade.

Conforme venho expondo, uma revisão das temáticas relativas à maternidade têm sido de grande interesse para o feminismo na contemporaneidade. No âmbito da literatura (mas não apenas)<sup>11</sup>, essa revisão vem sendo estabelecida, principalmente, por meio de narrativas que apresentam sociedades alternativas de caráter utópico/distópico e que suscitam uma leitura por meio da qual as noções de maternidade são (re)construídas nas lacunas dos discursos patriarcais.

---

<sup>11</sup> Chamo atenção especialmente para obras de ficção especulativa centradas nesta temática, como as reunidas em antologias como a editada por Constance Ash em 1999, *Not of woman born*, uma seleção de contos de ficção científica dos anos 1990 envolvendo tecnologias da reprodução.

Deste modo, faz-se necessário compreender que o discurso literário se caracteriza pela reelaboração e transmissão de algum tipo de conhecimento, sendo, portanto, uma forma de produção intelectual que, assim como a ciência, procura difundir uma verdade. No entanto, o modo como esse teor de autenticidade do conhecimento veiculado se apresenta é o que diferencia literatura e ciência. Na arte literária, a verdade só é alcançada através da ficcionalização (FARIAS, 2007). A esse respeito, convém ressaltar que enquanto para a ciência a verdade tem caráter provisório, entendida à luz da tecnologia utilizada num dado momento, a literatura, como obra de arte, nunca perde sua validade.

Ao contrário do que pressupõe o senso comum, analisar obras que abordam tais questões se mostra uma tarefa importante não apenas para o feminismo, mas também para os estudos da literatura, pois a forma inovadora como maternidade se configura nessas narrativas representa, além de uma revisão política, uma revisão estética da representação da maternidade.

Segundo Funck (1998), o fato de o feminismo compreender as questões de maternidade e dos aspectos tradicionalmente associados ao sujeito feminino como centro do debate acerca das questões de gênero pode contribuir para uma revisão das esferas das oposições binárias e do discurso patriarcal através de uma subversão de poderes e valores referentes aos papéis de gênero.

Por sua vez, os postulados dos estudos de gênero não compreendem a mulher a partir dos pressupostos biológicos, o que representa, em termos de contraposição entre concepções da natureza e da cultura, uma recusa em entender o corpo da mulher a partir de sua capacidade de procriar.

Badinter (2011) explica que, na atualidade, a escolha por não ter filhos se espalhou de tal forma pelo mundo que no inglês a expressão *childless* é substituída por *childfree*<sup>12</sup>, um reconhecimento por meio da linguagem de que não ter filhos não é uma falta ou falha, mas uma decisão. O fenômeno surge não como forma de resistência, mas como resposta das mulheres às suas novas formas de realização

---

<sup>12</sup> Ambas as expressões significam, na língua inglesa, “sem filhos”, no entanto, a primeira expressão tem um sentido negativo, por ter seu significado associado às ideias de falta ou perda. Já a segunda, que pode ser traduzida literalmente como “livre de”, sugere menor negatividade.

pessoal: elas agora enfatizam os estudos e a formação profissional, a carreira, a liberdade financeira, entre tantas outras coisas.

Em artigo intitulado “Feminismo e utopia”, Susana Funck (1993) revisa as questões da maternidade tendo como cerne a denúncia feita por Rich de que nos anos 1980 a mulher ainda era vista como propriedade do homem bem como das instituições em seu poder. Mais tarde, em seu estudo, o médico Franklin Cunha, citado por Funck, aponta para a forma como a sociedade regrada dos anos 1990 constituía uma tentativa androcêntrica de controle sobre a sexualidade da mulher:

Embora distantes em tempo, espaço e perspectiva, os dois artigos [de Rich e de Cunha] apontam para a inegável importância da sexualidade feminina e da maternidade no âmbito maior do projeto feminista – o da modificação das relações de gênero como uma forma libertária e humanizante das relações sociais como um todo. A revisão dos conceitos associados à maternidade tem, com efeito, se constituído numa das maiores preocupações do feminismo contemporâneo. Buscando articular construções alternativas nas brechas dos discursos oficiais, tanto teóricas feministas quanto escritoras de ficção têm produzido textos que se contrapõem às práticas sociais dominantes dentro do capitalismo patriarcal [...] (FUNCK, 1993, p. 38)

Em uma investigação que põe em debate as concepções de natureza e cultura, Funck analisa as utopias de Ursula Le Guin, Joanna Russ, Marge Piercy, Dorothy Bryant e Sally Miller Gearhart. Em relação à primeira narrativa, *The left hand of darkness* (1969), de Le Guin, a autora observa a relevância das questões de maternidade na permanência ou extinção das dicotomias entre os sujeitos masculino e feminino. As personagens do romance não são homens ou mulheres, mas podem assumir ambas as identidades de gênero, uma vez que há um “documento oficial” na narrativa que reserva aos personagens uma troca de gênero a cada mês, ao acaso. Apenas em caso de gravidez é que a sexualidade permanecerá feminina durante os períodos de gestação e amamentação, “após esse período, a androginia latente é restabelecida”. Como consequência disso, homens e mulheres são colocados num mesmo patamar (FUNCK, 1993, p. 39). Em *The female man* (1975), por sua vez, Janet, Jeannine, Joanna e Jael são personagens que se intercalam na narrativa como versões de uma mesma mulher, em diferentes contextos espaço-temporais. Jeannine e Joanna são mulheres do presente: Joanna reúne o feminino (seu corpo) e o masculino (sua vida profissional), Jeannine é aquela moça que sonha com o

casamento. Janet é habitante de Whileaway, um mundo constituído apenas por mulheres, e Jael é uma assassina do futuro que se divide em um mundo de homens (Manland<sup>13</sup>) e um de mulheres (Womanland<sup>14</sup>). Sobre o romance *Woman on the edge of time* (1976), um dos focos do presente estudo, Funck também observa uma similaridade com *The female man*, pois ambos apresentam projeções de valores feministas que não são aceitos nas sociedades do presente para o futuro: “ao eliminar as diferenças sexualmente determinadas e ao erradicar a maternidade biológica em seu futuro utópico, Marge Piercy consegue criar um mundo não marcado pelo gênero de homens e mulheres” (FUNCK, 1993, p. 43). Já *The Kin of Ata Waiting for You* (1971), de Dorothy Bryant, é uma versão mais conservadora por seguir o modelo de viagem e regresso, mas inovador ao realizar um passeio místico pelo inconsciente. Por fim, *The wanderground* (1979), de Sally Miller Gearhart, faz uso da memória como forma de combater o patriarcado: o romance apresenta uma comunidade separatista composta apenas por mulheres que haviam escapado de uma sociedade patriarcal que as oprimia. Essas mulheres, como observa Funck, se desenvolvem a partir da natureza, pois é através desse meio que elas conseguem energia para desenvolver um novo estilo de vida calcado em comunicações não-verbais (FUNCK, 1993). Tais narrativas, analisadas por Funck, apresentam formas alternativas à cultura patriarcal e suas formas de organização sociais.

O trabalho de Funck, também centrado na questão da maternidade, nos apresenta aspectos importantes das relações entre o feminismo, a literatura e a utopia, trazendo à tona o debate travado entre a cultura e a natureza e propiciando uma revisão destas no que diz respeito aos papéis figurados pelas mulheres. Seu estudo mostra que a questão da maternidade importa não apenas para a antropologia ou para a biologia, mas também para a literatura, discurso em que essas ciências também parecem conflitar, propiciando, além do sabor estético, uma visão politizada do mundo, capaz de problematizar os papéis de gênero contemporâneos. É nesse sentido que este trabalho oferece prolongamentos dos estudos já efetuados por algumas pesquisadoras, num olhar que enfoca os diálogos entre representações de maternidade encontradas na literatura de autoria feminina e as teorizações das filósofas Judith Butler (2010) e Elisabeth Badinter (1985; 2011).

---

<sup>13</sup> Terra do homem, em português.

<sup>14</sup> Terra da mulher, em português.

As narrativas aqui estudadas se configuram enquanto espaços que quebram os padrões de poder que envolvem as questões de gênero e maternidade cristalizados pelo sistema patriarcal. Na obra de Piercy, isso se dá através da descrição de uma sociedade utópica na qual homens e mulheres podem exercer os mesmos papéis e possuem os mesmos direitos em relação à maternidade; já na narrativa de Butler, através da disposição de uma sociedade matriarcal na qual o personagem principal é do sexo masculino e sofre dilemas e experiências normalmente atribuídas ao sujeito feminino.

Na sociedade utópica descrita em *Woman on the edge of time*, a maternidade está mais relacionada a um papel social, exercido por vontade própria dos indivíduos. No conto de Butler, no entanto, a maternidade é mais vinculada a um papel biológico, pois o corpo do homem é usado para hospedar os ovos dos seres alienígenas, como se fosse uma espécie de mãe de aluguel.

*Woman on the edge of time* e “Bloodchild” reconfiguram o papel materno, sobretudo, por meio da representação de um afastamento do sujeito feminino da natureza, provocando uma reconstituição do papel do homem e da mulher e, conseqüentemente, funcionando como uma crítica às relações contemporâneas de gênero.

Na sociedade patriarcal onde vive a protagonista do romance, as viagens feitas mentalmente a sociedades utópicas do futuro proporcionam uma desestabilização da lógica que aprisiona o corpo da mulher à natureza e, assim, quebram, no campo da ficção científica, paradigmas culturais que correlacionam a mulher à noção naturalizada de um sujeito materno. Por sua vez, no conto, o papel do homem é reconstituído através da configuração de uma sociedade alienígena matriarcal que confere poder às fêmeas de sua espécie e que submete o corpo humano masculino a uma maternidade biológica de caráter artificial.

Nos capítulos que seguem, trato das teorizações acerca de maternidade, gênero e utopia e suas representações literárias, entendidas aqui como revisões políticas e estéticas dos discursos mais tradicionais oriundos do patriarcado em que o papel da mulher é entendido apenas em função de sua capacidade de procriar, dialogando tais discussões com o romance *Woman on the edge of time* (PIERCY,

1983) e o conto “Bloodchild” (BUTLER, 1995), focos deste estudo. No capítulo II, essa revisão se dá a partir da extensão do conceito de maternidade para além do biológico, ou seja, através de um resgate do conceito de maternagem, conforme discutido em seção anterior, por parte da narrativa de Piercy. Já no capítulo III, analiso a metáfora do homem grávido presente no conto de Butler, figura híbrida resultante da relação entre o humano e o alienígena em função do acordo previamente estabelecido entre as duas espécies. Além disso, trato do modo como a percepção da ambivalência dos conceitos de distopia e utopia contribui para enriquecer as leituras das narrativas tanto enquanto produtos estéticos quanto políticos.



### 3 **WOMAN ON THE EDGE OF TIME E O PARADIGMA DA IGUALDADE DE GÊNERO**

Este capítulo consiste numa leitura do romance *Woman on the edge of time* (1976), de Marge Piercy, obra considerada um clássico da ficção científica de autoria feminina, que suscitou estudos importantes, chegando a inspirar novas categorizações para o utopismo literário (MOYLAN, 1986), conforme será exposto adiante, e a servir de foco para estudos de pesquisadoras feministas como Susana Funck (1998), Frances Bartkowski (1998), Dorothy Berkson (1990) e Lucia de La Rocque (2006), no sentido de aprofundar as leituras empreendidas e relacioná-las a teorias e críticas contemporâneas por meio de um entrecruzamento de categorias que envolvem questões culturais e de gênero, identidade, maternidade, biologia e ciência. Essa convergência de categorias ilumina a leitura aqui empreendida acerca do romance e contribui para um entendimento das questões de maternidade além do que se tem sido culturalmente cristalizado pelos discursos patriarcais.

A análise aqui realizada diz respeito a uma (re)contextualização do romance e de tais leituras tomando como base as teorizações sobre maternidade, gênero, utopia e feminismo e aprofundando questões relativas a dimensão social / senso de coletividade, a presença de homens-mães (bem como a inexistência da figura paterna) e as relações entre o corpo da mulher e as novas tecnologias reprodutivas, além de levar em consideração uma perspectiva de leitura que parte de uma localização específica em se tratando de Brasil e América Latina, onde a cultura ainda é altamente patriarcal e com uso de tecnologias menos avançadas nesta área. Nesse sentido, outro aspecto relevante, que será retomado posteriormente, é a forma como a organização social e familiar da sociedade imaginada em Mattapoisett como possível futuro para a realidade de Connie se propõe como uma das formas de solução para um problema envolvendo a temática da maternidade e o controle do corpo feminino ainda na atualidade: o aborto. Além deste tema, serão abordadas as perspectivas de Débora Diniz (2012b) e Renata Mariz (2012a; 2012b) referentes ao “desejo de filhos” e à loucura, retiradas do site da ONG Anis, cujas temáticas dialogam diretamente com a configuração de família e sociedade presentes no romance e que servirão de contraponto para melhor iluminar a relevância da leitura da obra de Piercy para as reflexões sobre maternidade.

### 3.1 O protocolo ficcional da loucura: da ambiguidade narrativa à utopia crítica

*Woman on the edge of time*, é um romance protagonizado por Consuelo Ramos (Connie), uma mulher que é internada como louca em um hospital para doenças mentais após agredir um homem para defender sua sobrinha. No hospital, Connie é tratada como cobaia de experiências médicas, e lá passa por vivências diferenciadas e começa a se comunicar mentalmente com Luciente, uma pessoa que vive em uma sociedade utópica do futuro chamada *Mattapoissett*, por volta do ano de 2137.

É importante lembrar que na realidade brasileira, como explica Renata Mariz (2012a) em seu texto intitulado “Elas matam mais que os homens”, as mulheres são atualmente maioria nas autorias de crimes motivados por distúrbios psiquiátricos; e os familiares, principalmente os filhos, são maioria dentre as vítimas. Tais pacientes se tornam, por vezes, reféns de um sistema manicomial incerto e dependem de alguém que as recebam para que possam algum dia ganhar liberdade, o que é, ironicamente, um problema maior para as mulheres, pois como questiona Débora Diniz, “O louco precisa de uma cuidadora, porque geralmente é a mulher que assume esse papel na nossa sociedade. E quem é a cuidadora da louca?”. Em “Condenados para sempre”, referindo-se aos presos em manicômios judiciários de modo geral, a mesma autora explica:

Por pior que seja o crime cometido, ninguém pode ficar preso por mais de 30 anos no Brasil. O limite previsto no Código Penal e confirmado por jurisprudência do Supremo Tribunal Federal, porém, não se aplica a uma população até então invisível: os loucos infratores. Enquanto reestabelecerem, no lugar de irem para a cadeia, a realidade se encarrega de condená-los a uma pena perpétua. Dentro das unidades conhecidas popularmente como manicômios judiciários espalhadas pelo país, a pergunta não é “quando”, mas sim “se” chegará o dia de ganhar a liberdade. (MARIZ, 2012b)

A realidade vivenciada por Connie na Nova Iorque do romance se mostra, nesses termos, como uma espécie de condenação ainda atual a qual estão sujeitas, principalmente, as mulheres diagnosticadas com transtornos psiquiátricos e que são estigmatizadas pela sociedade em função dos crimes que cometem, na maioria das vezes, contra seus filhos, como ocorre com a protagonista do romance.

O caráter da loucura de Connie e o protocolo ficcional desta loucura é uma ambiguidade da narrativa, uma vez que nem o narrador nem o próprio contexto ratificam a informação. Assim, dentro desta ficção, é passível de existência esse tipo de comunicação com pessoas do futuro, o que contribui para o entendimento de que, na sociedade extremamente patriarcal em que a personagem vive, a condição mental de Connie é relativa e pode ter sido avaliada de tal modo apenas por esta ter se colocado contra a cultura daquele que ocupa o poder central naquela sociedade: a figura do patriarca, representado no romance por um sistema médico e jurídico opressor. É importante observar, ainda, que essa fuga da realidade dentro da própria narrativa, remete à ficcionalidade que é própria da literatura, o que se configura como um forte traço metaficcional. Como explica Hutcheon, “a ficção pós-moderna manifesta certa introversão, um deslocamento autoconsciente na direção da forma do próprio ato de escrever; porém, é também muito mais do que isso” (HUTCHEON, 1991, p. 168). Tal referência ao fazer literário se mostra como uma estratégia ficcional da autora que remete, num sentido mais específico, e em se tratando do “algo mais” que é próprio do veículo literário a que se refere Hutcheon, à ideia de utopismo crítico, normalmente mais ambíguo e meta-crítico, levantado por Moylan (1986) em seu estudo sobre o romance, que será retomado na seção em que trato da fortuna crítica da obra.

As formas menos miméticas de representação são características das obras de Ficção Científica. Tal dúvida sobre a sanidade mental de Connie, suscitada pelo enredo do romance, nos leva a crer que o contato da protagonista com Luciente pode não se tratar simplesmente de um delírio, mas de uma viagem mental/temporal em que a protagonista consegue alcançar o que seria sua utopia para o mundo em que vive, ainda que a sua realidade naquele momento seja distópica e opressiva. Ambas hipóteses são plausíveis dentro daquele contexto – o literário – e, por conseguinte, verossímeis. Num processo que Iser denomina seleção, os sistemas contextuais preexistentes no mundo são absorvidos pelo universo literário e passam por um processo de decomposição para que se tornem substância literária e, portanto, ficcionais e passíveis de recriação e reelaboração das leis internas de coerência do mundo no romance. O mundo ficcional recriado em *Woman on the edge of time*, mais especificamente na sociedade vivida por Connie, é extremamente opressivo. Não fica claro, por exemplo, se seu prontuário é verdadeiro ou se os

médicos reproduziram tal diagnóstico porque naquela sociedade a palavra de uma chicana, pobre e mulher não tinha valor. Além disso, constava em seu histórico que ela havia perdido a guarda da filha Angelina porque a havia agredido, o que é outra dúvida suscitada pela narrativa, uma vez que já havia um casal interessado na adoção da menina e uma mulher estrangeira, solteira e pobre não era vista com bons olhos àquela sociedade cujo domínio se dava, sobretudo, por uma cultura patriarcal e opressora. Se por um lado, a situação de Connie no presente era mais próxima de uma distopia, por outro, há outros caminhos e possibilidades utópicas que se anunciam a partir das viagens que se projetam na forma sonhos para Connie.

Connie tornava-se cada vez mais sensível ao futuro e às viagens mentais que era capaz de realizar: até mesmo a quantidade excessiva de medicamentos que era obrigada a ingerir e o seu enclausuramento favoreciam esse tipo de contato com outros mundos. Sua sensibilidade lhe permitia não apenas projetar suas aspirações do presente e desejo de um futuro melhor para o que a sociedade utópica de Mattapoisett lhe oferecia, como também se sentia motivada a batalhar para que aquilo se tornasse realidade para a sua filha. O romance é configurado a partir do contraste inevitável entre a realidade opressiva de Connie no presente e a imagem de futuro que se apresenta com a chegada de Luciente.

O caráter utópico da narrativa de Piercy é, assim, sustentado pela noção de igualdade traçada pela sociedade de Luciente nas questões de gênero, apontando, entre outros aspectos que contribuem para a construção dessa igualdade (tais como etnia, sexualidade, classe), formas que vão além da maternidade convencional e dos binarismos.

O reconhecimento de maternidade como escolha – e não como destino biológico – é ilustrado no romance pela presença tanto de mulheres quanto de homens na maternagem naquela sociedade visitada por Connie, como se pode observar no fragmento abaixo, no qual Luciente explica os motivos que levaram sua sociedade do passado a se propor a transformação da sociedade atual (e ao mesmo tempo futurista) que vive:

Foi parte da longa revolução das mulheres. Quando estávamos quebrando todas as hierarquias do passado. Finalmente havia aquela coisa que nós também tínhamos que renunciar, o único poder que já tivemos, em troca de não termos mais poder para ninguém. A produção original: o poder de procriar. Pois uma vez que fomos biologicamente incumbidas, nunca seríamos iguais. E os homens nunca seriam humanizados para serem afetuosos e carinhosos. Então todos nós nos tornamos mães. Todo bebê possui três. Para quebrar o elo nuclear.<sup>15</sup>

Sobre a fala de Luciente, outro ponto interessante, porém questionável, diz respeito ao entendimento por parte da personagem de que a maternidade é o único “poder” das mulheres ou, ainda, que ela tem domínio e controle sobre esse “poder”. Ainda hoje, passados quase quarenta anos da publicação do romance, a maternidade ainda tem sido submetida a interesses e ideologias várias e imposta e regulada por vários aparatos da cultura dominante.

Os homens de Mattapoisett, quando estimulados com hormônios, são, assim como as mulheres, capazes de amamentar e possuem os mesmos direitos e deveres no papel de mãe. A maternidade é exercida, assim, por três pessoas, sendo uma decisão ao mesmo tempo individual e coletiva e que, não podendo ocorrer ao acaso, remete à noção de controle de natalidade e, ao mesmo tempo, reconfigurando as formas tradicionais de controle exercidas em nossa sociedade e se projetando como uma forma de libertação do corpo do encargo biológico.

Além disso, a sociedade utópica de Luciente provoca um estranhamento também através da quebra do vínculo entre maternidade e corpo:

“Esta é a chocadeira, onde nosso material genético é estocado. Onde os embriões crescem”.

As portas internas abriram, mas o espaço por dentro mais parecia um grande aquário do que um laboratório. O piso era de carpete em estampa azul e havia música, estranha para os ouvidos dela, mas não desagradável.<sup>16</sup>

---

<sup>15</sup> Original: “It was part of woman’s long revolution. When we were breaking all the old hierarchies. Finally there was that one thing we had to give up too, the only power we ever had, in return for no more power for anyone. The original production: the power to give birth. Cause as long as we were biologically enchained, we’d never be equal. And males never would be humanized to be loving and tender. So we all became mothers. Every child has three. To break the nuclear bonding” (PIERCY, 1983, p. 105).

<sup>16</sup> Original: “[...] ‘This is the brooder, where our genetic material is stored. Where the embryos grow.’ The inner doors zipped open, but into space that looked more like a big aquarium than a lab. The floor was carpeted in a blue print and music was playing, strange to her ears but not unpleasant”. (PIERCY, 1983, p. 101)

O romance apresenta o paradigma da igualdade, mundo equilibrado e sustentável no qual “úteros artificiais” – o imenso aquário descrito acima – são usados de modo que ninguém mais é capaz de procriar, mas tanto a figura feminina quanto a masculina exercem a maternidade e amamentam. Deste tipo de organização emana, então, um questionamento: “A mãe é aquela que dá o óvulo, aquela que gesta a criança, ou aquela que educa? Nesse caso, o que resta das diferenças essenciais entre maternidade e paternidade?” (BADINTER, 2011, p. 12). A questão é complexa e não se encerra aqui, mas a leitura do romance suscita alguns caminhos que se projetam no imaginário de Connie a partir da imagem utópica que se constrói através da sociedade de Luciente.

Num primeiro momento, Connie estranha Mattapoissett e não se imagina parte dela, afinal, vivera numa sociedade extremamente machista em que todas aquelas mudanças além de contrastarem com sua realidade, pareciam, por vezes, assustadoras. A maior parte das mulheres do presente da protagonista era oprimida pelo patriarcado e subjugada a uma condição distópica e objetificada, além de problemas sociais como heterossexualidade normativa, homofobia, racismo e desigualdade social, conforme já apontado. Esses problemas são solucionados no possível futuro a que fora apresentada, pois uma vez que a maternidade é o cerne do debate feminista, ao retirar da mulher a capacidade de procriar e partilhar com os homens a responsabilidade com o âmbito doméstico e com os filhos, cessam os problemas de desequilíbrio entre os sexos. Além disso, na sociedade de Luciente, a organização familiar se dá de modo diferenciado; cada bebê tem três mães, denominadas “co-mothers”, independente do sexo.

As condições maternas, as dores do parto e a amamentação são vistas por Connie, protagonista do romance, como positivas, como parte essencial da maternidade e, sobretudo, como uma forma de poder que diferencia as mulheres dos homens. Esse entendimento de maternidade como particularidade e destino biológico da mulher por parte da protagonista denota um tipo de comportamento do patriarcado; é, pois, a voz de uma mulher que não conhece outra cultura senão aquela em que o domínio das relações é normalmente exercido pelo homem:

Como poderia saber o significado de ser mãe alguém que nunca carregou o peso de um bebê por nove meses sob o peito, aquele que nunca deu à luz uma criança com sangue e dor, aquele que nunca amamentou? [...] Tudo já pronto, uma criança enlatada, é só juntar dinheiro. O que eles sabem sobre maternidade?

Ela os odiava, os insípidos monstros do futuro, nascidos de um frasco, nascidos sem dor, multicoloridos como uma ninhada de cachorros sem o estigma de raça ou sexo.<sup>17</sup>

O sangue, a dor, os nove meses que a criança passa na barriga da mãe e a amamentação são entendidos pela personagem como fatores positivos: fazem parte de um papel especial que só poderia ser representado pela mulher. Connie fica indignada, quando, por meio do futuro com o qual tem contato, descobre que esse “poder” é partilhado com os homens.

A sociedade utópica de Luciente quebra, então, esse conceito de diferença em prol de uma sociedade igualitária, na qual não há poder diferenciado para homens e mulheres e a maternidade e a amamentação não são mais elementos associados apenas ao sujeito feminino. Além de romper os preconceitos que envolvem as questões de gênero, a forma de maternidade apresentada no romance – exercida por três pessoas independente do sexo –, se configura como um paradigma de igualdade cultural entre gêneros e, ainda que por natureza os corpos se configurem no dualismo homem/mulher, não há necessariamente uma imposição da heterossexualidade como forma padrão de sexualidade naquela sociedade. Além disso, as relações interpessoais são caracterizadas no romance por uma quebra do padrão heterossexual: na medida em que a norma é quebrada, abre-se a possibilidade para formas alternativas de relacionamento, com ou sem filhos.

Até recentemente, os universos masculino e feminino eram estritamente diferenciados. A complementaridade dos papéis e funções alimentava o sentimento de identidade específica de cada sexo. Na medida em que homens e mulheres podem assumir as mesmas funções e exercer os mesmos papéis – nas esferas públicas e privadas –, o que resta de suas diferenças essenciais? Embora a maternidade seja o apanágio da mulher, seria concebível apegar-se a uma definição negativa do homem: aquele que não gesta filhos? (BADINTER, 2011, p. 11-12)

---

<sup>17</sup> Original: “How could anyone know what being a mother means who has never carried a child nine months heavy under her heart, who has never borne a baby in blood and pain, who has never suckled a child. [...] All made up already, a canned child, just add money. What do they know of motherhood?” [...] She hated them, the bland bottleborn monsters of the future, born without pain, multicolored like a litter of puppies without the stigmata of race and sex”. (PIERCY, 1983, p. 106).

Não pretendendo recair sob as mazelas do essencialismo, note-se que as diferenças “essenciais” a que se refere Badinter são justamente as que normalmente associam a mulher à noção de um sujeito materno e que tendem a aprisionar a mulher ao papel de mãe. Quando os papéis desempenhados pelo homem e a mulher passam a ser exercidos sem necessidade de categorizações outras em função de seus gêneros, como ocorre no romance, tais “diferenças essenciais” tendem a se apagar, ao passo que também se apagam as negatividades em relação ao papel do homem como aquele que “não gesta filhos”. Maternidade passa a ser, então, compartilhada a fim de que tais diferenças se anulem.

O paradigma da igualdade entre gêneros se estabelece, deste modo, por meio de uma alternância do vínculo familiar e do exercício materno diferenciado, constituindo uma perspectiva utópica por meio da qual há um afastamento da mulher da biologia e, portanto, do seu aprisionamento na natureza, por meio da negação de valores culturais estabelecidos pelo patriarcado.

Além disso, a crescente ênfase na maternidade tanto dentro quanto fora da família nuclear heterossexual coloca em xeque a questão das tecnologias reprodutivas que vêm sendo desenvolvidas pelo meio científico predominantemente masculino. Ao adentrarmos a década de 80, vemos que a maternidade cada vez mais se desvencilha de seu caráter institucional para se constituir numa experiência opcional e coletiva de vida. (FUNCK, 1993, p. 45)

Conforme já apontado por Funck (1998), o romance apresenta uma sociedade utópica do futuro que se sustenta como uma crítica feminista às relações de gênero contemporâneas. Assim, os mundos do presente e do futuro são construídos na narrativa de tal modo que as aspirações humanas do mundo real (o do presente) são concebidas na sociedade utópica do futuro. O romance de Piercy quebra, assim, as relações assimétricas pela forma como se configuram as famílias.

Com a leitura do romance de Piercy é possível notar uma aproximação entre os conceitos de maternidade apontados por Rich (1979), Butler (1987), Funck (1998) e Stevens (2006) no que tange às questões de identidade materna enquanto construção social, provocando, na construção literária, um equilíbrio nas relações de gênero através do afastamento do corpo da mulher do “destino” biológico da maternidade.



Diante de tantas conturbações e incertezas, é forte a tentação de entregar-se à nossa velha e boa mãe natureza e estigmatizar as ambições aberrantes da geração precedente. Tentação reforçada pela emergência de um discurso aureolado com o véu da modernidade e da moral, que tem o nome de naturalismo. Essa ideologia, que prega simplesmente a volta a um modelo tradicional, pesa fortemente sobre o futuro das mulheres e suas escolhas. Como Rousseau em seu tempo, pode-se hoje convencê-las a reatar com a natureza e voltar aos fundamentos dos quais o instinto materno seria o pilar. Diferentemente, porém, do século XVIII, elas têm hoje três possibilidades: aderir, recusar ou negociar, caso privilegiem os interesses pessoais ou a função materna. (BADINTER, 2011, p. 12)

As tecnologias reprodutivas são empregadas na narrativa como forma de libertação: se a mulher não engravida, não se atribui a ela exclusivamente o cuidado com os filhos e com o ambiente doméstico. No Brasil, a primeira resolução do Conselho Federal de Medicina restringia o emprego das tecnologias reprodutivas a mulheres solteiras que quisessem ser mães ou a mulheres heterossexuais com problemas de fertilidade. Esse tipo de restrição se deu, segundo Diniz (2012b), por causa de “interpretações equivocadas que supunham ser a família ou a filiação um direito exclusivo das pessoas heterossexuais”. Atualmente tal restrição foi substituída por nova resolução que diz que “[t]odas as pessoas capazes de ser receptoras das técnicas de reprodução assistida” podem ser beneficiadas com esse tipo de procedimento. No romance, até mesmo esse tipo reprodução é eliminado a fim de que se anulem outras diferenças entre homens e mulheres no que diz respeito à maternidade. Não havendo gestação, a proximidade que se costumava atribuir entre a mãe e a criança para justificar seu aprisionamento à esfera doméstica não faz mais sentido.

As relações entre os membros da família são mais simétricas. E essa simetria é refletida, inclusive, na linguagem utilizada naquela sociedade, com a criação de um pronome “per”, de “person”, e da substituição das palavras “homem” e “mulher” por “person”. Ao invés de definir as pessoas pelo sexo, elas são, simplesmente, pessoas. Sexo não é mais uma categoria socialmente importante e desenha-se uma espécie de mundo andrógino em que as diferenças advindas da categoria de sexo tendem a se apagar.

Em estudo sobre questões de corpo e doença no romance de Piercy, Macena-Gomes (2011) afirma que a loucura de Connie é empregada na narrativa

como recurso literário a fim de compensar a protagonista de modo simbólico por sua realidade marginal: tal fuga da realidade se configuraria, pois, como uma forma possível de sobrevivência da personagem, que por não conseguir lidar com o mundo que a cerca, precisa criar espaços alternativos e irreais dentre os quais Mattapoissett, como narrativa paralela principal, tem efeitos terapêuticos para a personagem, ajudando-a a suportar as condições às quais se encontra submetida no hospital.

Lucia de La Rocque (2006) explica que obras como a de Piercy, cujo apelo político é mais forte e funciona como uma forma de denúncia à tentativa de manipulação do corpo da mulher por parte da ciência, travam um debate sobre o papel da mulher numa sociedade em que o patriarcado é favorecido, sobretudo, pela ciência.

Esse tipo de leitura, então, instiga debates fundamentais para o feminismo, cobrindo desde a discussão em torno de formas alternativas de reprodução humana, tais como se apresentam na ficção e já aconteceram ou estão a passos de acontecer na realidade, envolvendo maior ou menor teor decisório das mulheres sobre seu próprio corpo, até questionamentos sobre a ideia de ciborgue, altamente polêmica e trazida para o cerne dos estudos feministas com os estudos pioneiros de Donna Haraway. Todo esse emaranhado de conceitos e questões em torno dos mesmos, suscitado pela leitura da ficção científica de veio feminista nos serve para lembrar que a antiga fronteira entre “o natural” e “o artificial” vem sendo progressivamente elidida. (DE LA ROCQUE, 2006, p. 315)

A autora nos lembra que as obras de ficção científica de autoria feminina costumam trazer à tona questionamentos envolvendo a interface entre as explicações sobre o comportamento humano oriundas das ciências sociais em oposição às das ciências biológicas. As imagens e representações encontradas nesse tipo de narrativa normalmente propiciam leituras que evidenciam o “acirrado debate travado entre as ciências biológicas e sociais, principalmente a antropologia, a respeito da importância relativa da natureza e da cultura na composição dessas complexas questões” (DE LA ROCQUE, 2006, p. 316).

Em sua análise sobre o romance, De La Rocque (2006) chama a atenção para o contraste entre o presente “pesadélico” de Connie e o futuro utópico da sociedade agrícola de Luciente que, num sentido mais amplo, pode ser interpretado como uma crítica ao emprego indiscriminado da ciência em determinadas situações.

Sem, contudo, deixar de reconhecer seu “potencial libertador” (p. 317), a pesquisadora chama a atenção para os modos como a ciência tem sido empregada como forma de manipulação sobretudo do corpo feminino.

Sabe-se que tanto pacientes mentais quanto prisioneiros têm sido utilizados em experimentos através da história humana e particularmente no século XX, e é esta a certeza que torna mais chocante a ficção de Piercy. Para os médicos monstros de *Woman on the edge of time*, assim como suas réplicas no mundo real, os pacientes mentais, prisioneiros, enfim, todos que estão numa situação vulnerável, são vistos como meros “sujeitos” experimentais, expressão que é exatamente a mesma empregada em revistas especializadas de biologia em relação aos animais utilizados nos experimentos (DE LA ROCQUE, 2006, p. 317-318)

Embora se tratem de situações que ocorrem em nossa realidade, no âmbito da literatura tais imagens, pelo modo com que são construídas, se mostram ainda mais chocantes. Nesse sentido, autora chama a atenção para o compromisso político presente na obra de Piercy, fazendo uso de tais representações – até certo ponto corriqueiras na década de 1970, período de publicação do romance – de modo a chocar as leitoras da narrativa, que, por força de seu contexto ficcional, que transita entre o utópico e o distópico, tende a provocar uma espécie de estranhamento.

O romance traz o emprego de Novas Tecnologias de Reprodução, temática que estava em pauta na época de escrita do romance e que permeia nossa sociedade até os dias de hoje, como o grande mote para se pensar numa libertação do sujeito feminino do discurso biológico que tende a aprisioná-la à maternidade e ao ambiente doméstico. As NTRs empregadas no romance são a forma utópica proposta em prol de um futuro mais justo e equilibrado para a sociedade de Connie, que vê nisso uma esperança para o futuro de sua filha Angelina, que poderá se ver livre de um destino semelhante ao da mãe.

Em seu estudo sobre as origens de *Woman on the edge of time* nas obras antecessoras de Harriet Beecher Stowe e Charlotte Perkins Gilman, Dorothy Berkson (1990) explica que Piercy leva as primeiras ideologias feministas articuladas por Stowe e Gilman a conclusões mais radicais. Precursoras do movimento feminista radical dos anos 1970 e 1980, essas autoras encontraram suas raízes radicais feministas dentro da própria cultura marginal a que eram submetidas. Berkson

lembra, ainda, que antes mesmo que houvesse um movimento de mulheres, Piercy já era consciente sobre a necessidade de se escrever uma cultura das mulheres na década de 1950. Em entrevista a Michael Luzzi, conforme menciona Berkson (1990) em seu estudo, Piercy revela que não se sente satisfeita com os moldes pré-estabelecidos na sociedade e que, fora destes, parece não haver outro espaço para as mulheres senão a morte ou a loucura, que é o lugar na sociedade ao qual foi moldada a protagonista de *Woman on the edge of time*, Connie. Na mesma entrevista, fazendo referência ao que ocorre na sociedade utópica de Mattapoissett, Piercy revela que considera de extrema importância, a fim de que ocorram mudanças um dia, que o homem também seja responsável pelo cuidado com as crianças, pois a responsabilidade por um ser que dele depende é capaz de mudar sua relação com o mundo.

Segundo Berkson (1990), a sociedade que se configura em Mattapoissett é diferenciada porque não se estrutura a partir da tradicional díade feminino/mãe e filho, ela é substituída por um sistema de múltiplas mães, independente do sexo. As crianças – tanto meninos quanto meninas –, por sua vez, aprendem a se identificar como futuras mães e a conviver com a ideia de grupo, assim como ocorre em *Herland*, pois são criadas em creches comunitárias a fim de que aprendam a romper com o vínculo a apenas uma pessoa. Além disso, todas as decisões, questões ambientais e taxas de natalidade são feitas de forma comunitária.

Berkson (1990) também trata do modo como Piercy retrata as estruturas e valores da cultura feminista como pano de fundo da cultura de Mattapoissett; e, além disso, traz, assim como Stowe e Gilman, as melhores características masculinas para os homens e mulheres daquela sociedade utópica, tais como força física, coragem e rigor intelectual, motivo pelo qual Connie não consegue acreditar que Luciente é, biologicamente, uma mulher. Por fim, a autora reforça a importância de utopias como a de Piercy para que se possa desenhar um novo homem e uma nova mulher para o novo mundo que está surgindo e para todos os outros que poderão, um dia, surgir. A esse propósito, Simone de Beauvoir já teorizava nos anos 1950:

Se desde a primeira infância a menina fosse educada com as mesmas exigências, as mesmas honras, as mesmas severidades e as mesmas licenças que seus irmãos, participando dos mesmos estudos, dos mesmos jogos, prometida a um mesmo futuro, cercada de mulheres e de homens que se lhe afigurassem iguais sem equívoco, o sentido do “complexo da castração” e do “complexo de Édipo” seria profundamente modificado. Assumindo, da mesma maneira, que o pai, a responsabilidade material e moral do casal, a mãe gozaria do mesmo prestígio duradouro; a criança sentiria em torno de si um mundo andrógino e não um mundo masculino; ainda que mais efetivamente atraída pelo pai – o que não é seguro – seu amor por ele seria matizado por uma vontade de emulação e não por um sentimento de impotência: ela não se orientaria para a passividade (DE BEAUVOIR, 2009, p. 929).

O “mundo andrógino” ao qual já se referia Simone de Beauvoir em 1949, quase trinta anos antes da publicação de *Woman on the edge of time*, é o que Piercy tenta reconstruir em sua narrativa através da imagem de possível futuro que se figura naquele espaço harmonioso e equilibrado chamado Mattapoissett, onde homens e mulheres apresentam características biológicas semelhantes e assumem os mesmos papéis sociais no que diz respeito às questões da maternidade.

Por outro lado, a sociedade livre de gestação ao qual somos apresentados em Mattapoissett nos aponta uma possível “solução” para outro importante debate relativo ao corpo feminino: o aborto. Uma vez que não existe gestação e que as relações sexuais não tem mais a finalidade de reprodução naquela sociedade, não existe mais o aborto, pois só é mãe quem tem interesse e se mostra capaz de desempenhar tal função.

Como explica Debora Diniz, em um texto intitulado “Aborto: os perigos da simplificação”, o aborto é um problema de saúde pública que vem sendo tratado, nos últimos anos, como “moeda de troca política”, a exemplo da campanha dos candidatos à presidência da última eleição no Brasil, que oscilava entre propostas que se fundamentavam na legalização ou não do aborto. A pesquisadora lembra que o aborto

[é] uma questão que diz respeito aos direitos fundamentais das mulheres. Por razões variadas e íntimas, as mulheres se veem diante de uma gravidez não planejada. Mulheres que jamais cometeriam um crime são forçadas a procurar auxílio em clínicas ilegais, em medicamentos adulterados ou em métodos ainda mais arriscados para realizar o aborto. Uma em cada cinco mulheres aos 40 anos já abortou ilegalmente, em um misto de medo, solidão e risco. (DINIZ, 2012a)

Tal temática tem sido bastante polêmica ao redor do mundo e envolve mais do que a mera tentativa por parte dos candidatos à presidência do Brasil de reduzir, para mencionar as palavras de Diniz (2012a), “a democracia brasileira ao útero das mulheres”. Com a legalização do aborto no Uruguai (atualmente permitido quando realizado até a 12ª semana de gestação), por exemplo, abre-se caminho para que esse tipo de tabu seja repensado e posteriormente quebrado em outros países da América Latina. O romance aqui estudado põe em questionamento temáticas como essas, importantes para se compreender a mulher em sua dimensão particular, levando em consideração mais do que suas características biológicas e sua capacidade de procriar.

Joanna Russ analisa que o romance de Piercy aborda, a princípio, temas que podem ser entendidos como comuns a outros textos – ausência de classes ou governo, pensamento ecologicamente correto, bem como a defesa de um mundo voltado à natureza e o sentimento de uma sociedade quase tribal e de estrutura familiar diferenciada – além da permissividade sexual, temática esta que a autora imagina que muitos homens entenderiam como estratégia nada inovadora, mas que, na verdade, em consonância com as ideologias do movimento feminista, não é uma técnica empregada como tentativa de quebrar os tabus sociais nesse sentido; é de fato uma forma de desvincular a sexualidade de questões outras, dentre as quais a autora destaca a reprodução e a estrutura social. Além disso, o romance é considerado por Russ como um dos mais inventivos das utopias feministas do período em que foi escrito, pois apresenta a bissexualidade como norma na sociedade de Mattapoisett. No entanto, tal categorização não é percebida pelas personagens, pois não existe um nome para isso no romance.

Entendendo o apelo político e a consciência crítica de Piercy em relação ao momento histórico de sua escrita, Moylan (1986) considera *Woman on the edge of time* como o principal romance para as utopias na década de 1970 e analisa a obra

a partir da justaposição da narrativa realista centrada na vida de Connie em Nova Iorque, que sofria opressão e exploração por parte do sistema norte-americano e vivia às custas do assistencialismo governamental, com as imagens utópicas proporcionadas pelo futuro com o qual tem contato através de Mattapoissett, cujo sistema é descrito como descentralizado, democrático, anarco-comunista, feminista e ecologicamente sustentável. O autor compara a narrativa de Piercy ao romance *The female man*, de Joanna Russ, pois ambas apresentam visitantes de futuros utópicos que fazem contato com o passado a fim de garantir que a história siga um rumo que não anule aquela possibilidade de “bom” futuro que vivenciam.

A estratégia de Piercy é, segundo Moylan (1986), uma aliança entre as categorias de classe, gênero e raça como principais focos para se alcançar a autonomia da humanidade e da natureza. Desde modo, o propósito de tal estratégia no romance diz respeito a dois esforços: o primeiro para instaurar uma revolução no sentido de descentralizar o poder patriarcal dominante; enquanto o segundo consiste no emprego dos meios necessários para a luta contra a estrutura falocrática, capitalista e burocrática da sociedade norte-americana divididos em dois modos – um ideológico e o outro violento. A violência no romance é, para o autor, dividida em três momentos: a violência masculina, a exemplo da ação do cafetão contra Dolly; a violência burocrática, referente ao modo como são tratados os pacientes em Rockover; e a violência masculina em Gildina, na Nova Iorque distópica com que Connie tem contato. As três violências a que as mulheres estão sujeitas na narrativa são interpeladas pela ação de Connie, que envenena os médicos do hospital a fim de garantir que a organização social futurística de Mattapoissett realmente se concretize. Moylan associa a utopia empregada por Piercy no romance ao veneno utilizado por Connie para matar os médicos do hospital psiquiátrico, ambos entendidos pelo estudioso como estratégias de subversão do realismo do tempo da protagonista, por meio das possibilidades que se abrem com o futuro momento utópico de Mattapoissett, para que se instaure uma espécie de revolução. Além disso, chama a atenção para o modo como Piercy demonstra grande preocupação com o caráter auto-reflexivo do discurso utópico, propiciando uma leitura por meio da qual se questionam os limites e ambiguidades da narrativa: sua narrativa não fornece as respostas; ao contrário, mostra-se aberta para uma gama de leituras e é este justamente o trunfo literário de sua obra.

Em análise comparativa com *The Female Man*, de Joanna Russ, Frances Bartkowski (1989), explica o romance de Piercy a partir de sua estrutura narrativa que transita, sobre os trilhos de uma viagem no tempo, entre a Nova Iorque de 1975 e a Mattapoisett de 2137. Ao modo do esquema narrativo de More, Connie é a única visitante a conhecer a utopia: do hospital psiquiátrico em que está internada, ela é transportada para o possível futuro de Mattapoisett. Porém, por se tratar de uma utopia feminista, o viajante desta vez não é um homem branco, mas uma mulher chicana de trinta e sete anos, pobre e sem emprego ou marido, oprimida pela sociedade e que havia perdido sua filha para adoção. A versão utópica de Piercy, entretanto, inclui ainda diversos problemas: “conflitos, agressão, loucura, rivalidade e competição” (1989, p. 61). A presença de problemas nessa utopia, nos leva a um questionamento:

Mas bastará mudar as leis, as instituições, os costumes, a opinião pública, todo o contexto social para que mulheres e homens se tornem realmente semelhantes? [...] [C]umpre repetir mais uma vez que nada é natural na coletividade humana e que, entre outras coisas, a mulher é um produto elaborado pela civilização; a intervenção de outrem em seu destino é original; se essa ação fosse dirigida de outro modo, levaria a outro resultado. A mulher não se define nem por seus hormônios nem por misteriosos instintos e sim pela maneira por que reassume, através de consciências alheias, o seu corpo e sua relação com o mundo; o abismo que separa a adolescente do adolescente foi cavado de maneira acertada desde os primeiros anos da infância; não há como impedir mais tarde que a mulher não seja o que *foi feita* e ela arrastará sempre esse passado atrás de si; pesando-se esse passado, compreende-se com clareza que seu destino não se acha fixado na eternidade (DE BEAUVOIR, 2009, p. 928-929)

Tendo em vista o contexto apresentado acima, bem como as leituras anteriores sobre esse romance que abalou a cultura dos anos 1970, com suas denúncias a diversos problemas sociais – desde o uso de pacientes de hospitais psiquiátricos e de prisioneiros em experimentos médicos até as noções sobre a instituição família e os mitos envolvendo a questão da maternidade e do papel da mulher –, esta leitura do romance se mostra como uma (re)contextualização de tais leituras e da própria narrativa que mesmo nos dias de hoje se mostra atual e relevante, pois temas como o aborto, o casamento homossexual, as novas tecnologias de reprodução, entre outros que interessam para a temática da maternidade, continuam em pauta na mídia e na ciência.



É importante lembrar que o cerceamento físico e mental a que é submetida a protagonista de *Woman on the edge of time* contrasta com as possibilidades e horizontes que se desenham a partir da sociedade idealizada em Mattapoisett. Essa relação contrastiva entre os elementos do presente de Connie e do futuro pelo qual a protagonista luta, a fim de que realmente ocorra, provoca uma desestabilização e o consequente desnudamento das experiências relativas a gênero naturalizadas pela cultura. Tanto a língua diferenciada quanto a experiência individual de Connie são capazes de moldar realidades alternativas à experiência patriarcal no tocante às questões de maternidade.

Através de uma abordagem interdisciplinar de análise, foi possível observar, de modo geral, que a narrativa de Piercy, embora tenha sido escrita em outro momento histórico e em contexto diferente do nosso, ainda suscita questionamentos atuais e relevantes para a contemporaneidade em suas mais variadas geografias. É no terreno do literário, pois, que a narrativa de *Woman on the edge of time* oferece subsídios para se compreender maternidade em sua dimensão mais política: seus mais diversos níveis narrativos oferecem possibilidades de leitura que não se encerram em categorizações pré-existentes, mas que oferecem possibilidades outras para que a igualdade entre os gêneros seja alcançada e para que maternidade passe a ser, finalmente, não uma obrigação, mas uma escolha. Questões como a loucura, o aborto, a maternagem, a configuração familiar, o desejo de filhos, as novas tecnologias de reprodução, entre outras, são abordadas no romance de modo a questionar as relações de gênero contemporâneas e (re)construir a maternidade, em termos de uma ruptura com os textos canônicos, no âmbito da literatura.

#### 4 A SUBVERSÃO DAS RELAÇÕES DE GÊNERO EM “BLOODCHILD”

Trato, neste capítulo, das imagens e representações de gênero encontradas no conto “Bloodchild” (BUTLER, 1995) que incidem, em um sentido mais específico, em concepções alternativas de maternidade, principalmente no que dizem respeito à tentativa literária de reconstruir o papel da mulher sem aprisioná-la ao seu dito “destino biológico”. Além disso, a leitura que segue diz também respeito a uma (re)contextualização do conto em foco no sentido de refletir sobre a importância desta narrativa para a atualidade e o modo como tal reflexão se encontra como alicerce para a forma inovadora com que Butler faz uso de uma variedade de gêneros literários em sua reconstrução da maternidade numa perspectiva literária.

O conto “Bloodchild” faz parte da coletânea intitulada *Bloodchild and other stories* (1995), de Octavia E. Butler, e venceu os prêmios Nebula (1984) e Hugo (1985) de ficção científica.<sup>18</sup> A narrativa chama a atenção, entre outros aspectos, pela forma inovadora como a questão de gênero é tratada: as personagens são submetidas a uma inversão dos papéis que são tradicionalmente atribuídos aos sujeitos masculino e feminino na literatura e na cultura. Em sua nota sobre o conto, a autora define “Bloodchild” como “uma história de amor entre dois seres muito diferentes”<sup>19</sup> ou, ainda, causando maior estranhamento por parte de suas leitoras, a sua história de “homem grávido” (BUTLER, 1995, p.30).

Joanna Russ (1973), em estudo intitulado “What can a heroine do? Or why woman can’t write”, questiona o cânone literário predominantemente masculino, em que a temática abordada normalmente diz respeito a uma cultura patriarcal e não uma cultura de mulheres ou uma cultura de igualdade entre ambos. Para exemplificar tal afirmação, Russ subverte as fábulas de algumas narrativas populares, substituindo a personagem principal masculina por uma feminina e moldando o restante das personagens em função dessa alternância. O resultado de tal ousadia foi que as novas histórias não pareciam fazer sentido, ao contrário, tornavam-se engraçadas, pois foram histórias pensadas para heróis, mas não para

---

<sup>18</sup> Informações sobre os prêmios de literatura retiradas da página: <<http://www.pasadena.edu/about/history/alumni/butler/butler.cfm>>.

<sup>19</sup> Original: “it’s a love story between two very different beings”. Todas as traduções do inglês são de minha autoria, salvo os casos listados nas referências finais.

heroínas. É justamente essa espécie de reviravolta literária que Butler parece ter trazido para o conto “Bloodchild”, pois a personagem masculina de Gan é colocada não em papel de herói, mas em situações normalmente vivenciadas pelas mulheres, o que dá um caráter paródico à narrativa, aspecto que tratarei mais adiante, com base nas definições de Hutcheon (1985; 1991) e Cuddon (1992).

Além disso, a construção da narrativa de Butler provoca uma ruptura com os elementos formais mais tradicionais e reconfigura alguns gêneros narrativos como a história de amor, conforme aponta a própria autora, a história de iniciação, a narrativa (literária e fílmica) de ficção científica, por meio de uma mixagem de gêneros que resultam num texto de caráter altamente paródico: a autora recicla tais formas em sua narrativa, em contornos inovadores e questionadores de gênero e dos próprios discursos literários que incorpora.

Ainda segundo a autora (BUTLER, 1995), no prefácio à história, a narrativa constitui uma tentativa de atenuar um medo antigo que surgiu numa viagem ao Peru, quando estava escrevendo a trilogia *Dawn* (1987), *Adulthood Rites* (1988), e *Imago* (1989), na qual ficou preocupada com alguns insetos locais e, em especial, com uma mosca cujo sistema de reprodução consiste na inserção de ovos sob a pele de um hospedeiro, processo semelhante ao dos seres alienígenas Tlic, que Butler descreve no conto. Para a autora, a sensação de que era possível ter um inseto se desenvolvendo embaixo da pele lhe causava pavor.

A gravidez humana, se comparada ao processo de desenvolvimento desses insetos, pode parecer, de certa forma, um processo estranho e não “natural”. Ao apresentar a possibilidade desse tipo de gestação diferenciada, em que o corpo encarregado da “proteção” dos “filhos” é principalmente o da figura masculina, sobretudo nas condições em que as decisões são tomadas, a narrativa se mostra como transgressora não apenas de uma tradição discursiva hegemônica relativa aos papéis masculinos e femininos na biologia e na cultura de modo geral, como também de uma tradição literária que tem representado a maternidade e a maternagem como características quase que exclusivamente femininas, como já discutido no capítulo I.

#### 4.1 Uma ruptura de gênero(s)

Embora Butler seja bastante reconhecida no campo das ficções científicas por suas personagens mulheres fortes e complexas, “Bloodchild” diferencia-se por apresentar um garoto como protagonista. Além disso, e extrapolando os protocolos narrativos convencionais, esse protagonista passa a vivenciar, ao longo do conto, dilemas que são típicos da experiência feminina especialmente no tocante às questões de maternidade. Do ponto de vista dos aspectos formais, o conto se apresenta como uma típica história de iniciação, na qual Gan, personagem principal, é introduzido à fase adulta (conforme retomarei abaixo) ao passo que também começa a se deparar com questões de sexualidade, numa sucessão de acontecimentos concernentes a uma noite emblemática em sua vida.

Segundo Funck, rupturas na estrutura tradicional das narrativas têm sido empregadas nas ficções feministas como uma forma de resistência política: “mudanças na linha narrativa indicam uma crítica das normas sociais através de um processo de desnaturalização, isto é, um distanciamento entre a leitora e a expectativa de um modelo natural e universal” (1993, p. 35). A autora continua:

Devemos entretanto tomar cuidado, como nos adverte Cranny-Francis, para não ver na ficção utópica feminista apenas uma modificação superficial da tradição utópica, ou seja, as mesmas estórias com personagens femininas substituindo homens. O feitiço viraria contra a feiticeira. “A ficção utópica feminista deve proporcionar uma revisão radical dos textos conservadores, uma revisão que avalie criticamente o significado ideológico das convenções textuais e da ficção enquanto prática discursiva.” (FUNCK, 1993, p. 35, 1993, tradução da autora)

Em consonância com o que coloca Funck (1993) acerca da ficção utópica feminista, a narrativa de Butler se mostra como uma revisão extremamente crítica das relações de gênero contemporâneas. Ressalte-se, no entanto, que essa revisão se dá não de modo a inverter os papéis de gênero da nossa sociedade na literatura como uma forma de vingança das mulheres, mas mostrando o problema de outro ângulo, em outro contexto – o alienígena – e fazendo com que tais imagens, comuns até certo ponto na sociedade em que vivemos, sejam representadas na literatura de forma a causar estranhamento. Assim, Butler consegue desviar o olhar da leitora para a construção literária e, ao fazê-lo, desvia novamente para algo que é

extremamente importante para a política de gênero: a maternidade. Há um duplo desvio que consiste, em primeiro lugar, em apontar para o caráter ficcional da narrativa, pois o contexto menos realista com que nos deparamos no conto funciona de modo a permitir que as noções de maternidade já naturalizadas no inconsciente coletivo sejam postas em dúvida e, assim, questionadas e revisitadas; por outro lado, o desvio se dá, também, no modo como as formas de maternidade representadas no conto são reconfigurações de um entendimento cultural de que a mulher se encontra presa à biologia, funcionando, no contexto em que se desenham, como fortes imagens questionadoras dos papéis de gênero. Não obstante, tais imagens podem ser lidas como ambivalentes à medida que, por força de suas reconfigurações e formas alternativas de representação, remetem ao fazer estético (por se revelarem ficcionais) e, sobretudo, ao jogo político de que sua organização é composta. A discussão a seguir explora, numa perspectiva feminista, as estratégias ficcionais empregadas por Butler relativas à representação da maternidade. Para isso, farei uma sinopse do conto para, em seguida, sinalizar o modo como a narrativa suscita uma multiplicidade de questionamentos acerca das relações de gênero em nossa sociedade ao propor, de modo mais específico, reconstruções literárias.

#### **4.2 Reprodução alternativa: um texto de múltiplos sentidos**

A história se passa em um planeta extrassolar habitado por seres gigantes com características semelhantes às dos artrópodes – os Tlic. Dotados de inteligência, assim como os humanos, os seres descritos no conto se reproduzem através da inserção de ovos em hospedeiros de sangue quente. No corpo destes, as larvas passam por um processo de eclosão dentro dos ovos e, quando não retiradas a tempo, começam a se alimentar da carne do animal hospedeiro até conseguirem sair.

A população Tlic, no entanto, vinha sofrendo nos últimos anos com a falta de bons animais hospedeiros. Com o tempo, os animais locais já haviam desenvolvido uma espécie de defesa que acabava matando as larvas antes de deixarem os ovos. Com a redução da população, os Tlic se viram obrigados a aceitar de forma pacífica a entrada de outros seres em seu planeta, numa tentativa de encontrar formas alternativas de reprodução.

Quando os humanos chegaram ao planeta alienígena, havia notável desequilíbrio entre as populações das duas espécies – os humanos fugiam das guerras à procura de outros mundos e a população Tlic estava se reduzindo por falta de bons animais hospedeiros. Diante da situação em que ambos se encontravam, fez-se necessária a sujeição dos humanos à incumbência de hospedeiros de ovos de Tlic em prol da propagação de ambas as espécies, numa relação de simbiose, conforme apontado por De La Rocque (2006). Cada família deveria, deste modo, fornecer um de seus membros para que hospedasse os ovos de um ser Tlic e, em troca, receberia apoio e proteção política naquela sociedade chamada *Preserve*. É interessante notar que o lugar em que os humanos são acolhidos no planeta alienígena tem característica utópica, uma vez que o termo *preserve* tem o sentido de reserva, local protegido, mas também pode ser entendido como lugar de aprisionamento ou subordinação, típico da distopia, em que o contrato de convivência é selado por fins de reprodução, propagação e sobrevivência de ambas as espécies, prevalecendo uma hierarquia de poderes que não favorece os homens de forma semelhante ao modo como a nossa sociedade tende a desfavorecer as mulheres.

O isolamento, típico da utopia, é funcional à medida que a utopia é feita, ou seja, alcançada e, em seguida, *desfeita* para se *refazer*<sup>20</sup>. O momento distópico se instaurou a partir do momento em que a utopia foi atingida: ao chegar ao planeta alienígena os humanos foram submetidos às leis e formas de dominação dos habitantes daquele planeta. Essa transição entre os momentos utópico e distópico da narrativa pode ser entendida como uma ambiguidade já presente na própria etimologia do termo *utopia*, apontado acima, que é, além do “bom lugar”, um “não-lugar”, algo inalcançável. Esse tipo de ficção normalmente se diferencia por atenuar as semelhanças entre realidade e ficção, pois ultrapassa as formas mais miméticas, recriando significados, papéis e relações intratextuais.

Posto isso, voltemos aos Tlic: a inserção desses ovos em seres humanos torna-se, a partir de então, uma prática bastante comum uma vez que o corpo humano permite não só um melhor desenvolvimento das larvas, como também, a sua remoção se torna mais fácil, pois antes da eclosão dos ovos, ocorre uma

---

<sup>20</sup> Traço típico do utopismo crítico, como apontam Moylan (1986; 2001) e Cavacanti (2003).

liberação de substâncias venenosas na corrente sanguínea do hospedeiro, que causa fortes dores. Essas sinalizam que as larvas devem ser removidas antes que comecem a consumir o hospedeiro. A condição a que são submetidos homens e mulheres na realidade da *Preserve*, cada um com seu papel na reprodução e propagação da espécie, se mostra, nesses termos, como uma repetição exagerada da forma como a maternidade tem sido compreendida em nossa realidade social e do modo como a mulher tem sido condenada a um destino e um papel social que a aprisionam. A esse propósito, tratarei na seção seguinte, em que revisito a questão do “destino biológico” à luz das teorizações de de Beauvoir (2009), da configuração desse “destino” na narrativa, refletindo sobre o modo como essa repetição empregada por Butler tem um propósito político e ao mesmo tempo estético.

#### **4.3 O “destino biológico” retomado: parodiando os discursos hegemônicos?**

Gan, personagem principal do conto, havia sido prometido desde seu nascimento à T’Gatoi, uma importante mediadora das relações entre os humanos e os Tlic no planeta alienígena. As ações que se desenvolvem ao longo do conto começam com a visita de T’Gatoi à casa de Gan, que trazia à família dois ovos estéreis de sua irmã (apenas uma Tlic de cada gestação era fértil e, nesse caso, era T’Gatoi). Os ovos estéreis são ao mesmo tempo droga e medicamento, fazem com que os humanos fiquem descomedidos, relaxados, e, ao mesmo tempo, prolongam suas vidas. A visita da alienígena provoca certa tensão entre a mãe de Gan (Lien) e T’Gatoi, de modo que a primeira, ao ser sedada com uma ferroadada da alienígena, chega a dizer que “nada pode comprá-lo [dela]”<sup>21</sup>, dando pistas sobre o “destino biológico” do protagonista.

A relação entre T’Gatoi e Gan permanece amigável ao longo da história até o momento em que, ao testemunhar um nascimento de Tlic ocorrido às pressas e, pela situação de emergência em que ocorre, envolvendo muito sofrimento humano, ele passa a repensar sua relação com a mediadora, que realiza em Bram Lomas – hospedeiro de uma Tlic que estava doente – o equivalente a uma cesárea, mas sem anestesia, pois apenas a ferroadada da Tlic que engravida o humano tem o poder de

---

<sup>21</sup> Original: “Nothing can buy him from me” (BUTLER, 1995, p. 7).

tirar as dores do procedimento cirúrgico sem matar as larvas: “A ferroada dela [da Tlic que engravidaria o homem] faria sua dor passar sem matar as larvas” (BUTLER, 1992, p. 99).

No fragmento que segue, é possível notar como os procedimentos de corte e retirada das larvas são descritos com pavor e repulsa pelo protagonista:

No primeiro corte, o corpo de Lomas foi tomado por convulsões. Ele quase conseguiu soltar as mãos. Os gritos que ele deu... nunca ouvira sons semelhantes saindo da boca de um ser humano. T’Gatoi não lhe deu atenção; aumentou e aprofundou o corte, parando de vez em quando para lamber o sangue. Os vasos sanguíneos se contraíram, reagindo à química da saliva de T’Gatoi, e o sangramento diminuiu.

Eu me sentia como se estivesse ajudando-a a torturá-lo, ajudando-a a consumi-lo. Sabia que estava para vomitar, não compreendia como ainda não o fizera. Não conseguiria agüentar até o final.<sup>22</sup> (BUTLER, 1992, p. 95)

Durante o nascimento testemunhado, Gan sentiu-se mal, como se estivesse ajudando T’Gatoi “a torturá-lo, ajudando-a a consumi-lo”<sup>23</sup> (BUTLER, 1992, p. 15). A cena do parto é tão cruel e dolorosa que o jovem chega a sugerir que sua irmã seja incumbida em seu lugar, mas desiste. Num primeiro momento ele afirma que desistiu para poupá-la da terrível responsabilidade de carregar os hospedeiros, que, em vez de se alimentarem de seus seios, segundo afirmação do protagonista, se alimentariam de suas veias, entretanto, acaba revelando que aceitou a tarefa porque queria manter a alienígena apenas para ele, deixando clara a razão pela qual Butler afirma que “Bloodchild” também se trata de uma “história de amor” (BUTLER, 1995, p. 30), ponto este de extrema importância para a compreensão do modo como Butler revisita e reconstrói diversos gêneros narrativos: a princípio, as utopias apontam, entre outras coisas, para a dissolução do amor; por outro lado, nas distopias, uma das formas de transgressão se dá pela via do encontro amoroso. Na sua representação mais tradicional, contudo, a história de amor normalmente faz

<sup>22</sup> Original: “His body convulsed with the first cut. He almost tore himself away from me. The sound he made... I had never heard such sounds come from anything human. T’Gatoi seemed to pay no attention as she lengthened and deepened the cut, now and then pausing to lick away blood. His blood vessels contracted, reacting to the chemistry of her saliva, and the bleeding slowed. I felt as though I were helping her torture him, helping her consume him. I knew I would vomit soon, didn’t know why I hadn’t already. I couldn’t possibly last until she was finished.” (BUTLER, 1995, p. 15).

<sup>23</sup> Original: “I felt as though I were helping her torture him, helping her to consume him” (BUTLER, 1995, p. 15).



encenar um modelo heterossexual de relacionamento, o que é parcialmente desconstruído na narrativa de Butler, em que o amor ecoa num relacionamento entre dois seres completamente diferentes. Essa transitoriedade entre os movimentos utópicos e distópicos na narrativa, mencionada acima, pode ser encontrada no conto: se por um lado a esperança de alcance daquele planeta onde a sobrevivência ainda é possível se configura como uma utopia, por outro, ser responsável pela sobrevivência de outrem de forma compulsória, sem acordos ou possibilidade de escolha, é um movimento distópico da narrativa. Essa última situação remete à construção cultural do significado de maternidade e ao “destino biológico” imposto à mulher em nossa sociedade. Além disso, o elemento inovador paródico se dá também através do encontro com a diferença que se estabelece a partir da relação entre as espécies humana e Tlic no conto, o que pode gerar um efeito também paródico, revisitando e rompendo com o “molde clássico” mocinho/mocinha comumente encontrado no terreno literário. O que temos em “Bloodchild” é um mocinho frágil e indefeso em oposição à fêmea Tlic – ser gigantesco de grande poder político e que subverte o modo como a fêmea é normalmente encarada como frágil e inferior, sobretudo através do tamanho do macho da espécie Tlic – insignificante em função de seu tempo de vida curto, de seu tamanho reduzido e da fragilidade de sua vida em relação a outras espécies maiores. Tais representações de gênero são reconstruídas na narrativa como uma metáfora para o papel da mulher, mas em proporções invertidas e questionadoras de gênero.

A cena do parto é o que conduz Gan à perda da inocência, forçando sua entrada para a fase adulta e esclarecendo a frase que inicia o conto e que sinaliza tratar-se de uma narrativa de iniciação – “A minha última noite de infância começou com uma visita a minha casa”<sup>24</sup> (BUTLER, 1992, p. 87) –, ocasião em que o protagonista passa a refletir sobre os dilemas e dúvidas da maternidade. “Cada vez que fechava os olhos, via minhocas vermelhas [as larvas Tlic cobertas com o sangue do hospedeiro] rastejando em uma carne humana ainda mais vermelha”<sup>25</sup> (p. 97).

É impossível ler essa passagem do conto sem remeter tal descrição à cena clássica de *Alien*, filme norte-americano do final dos anos 70, que conta a história de

---

<sup>24</sup> Original: “My last night of childhood began with a visit home” (BUTLER, 1995, p. 3).

<sup>25</sup> Original: “Every time I closed my eyes I saw red crawling over redder human flesh.” (1995, p. 17).

uma tripulação em viagem de retorno à Terra que, no caminho, recebe sinais de um planeta desconhecido. Pelo compromisso com a ciência, três dos tripulantes decidem ir até o local para investigar tais sinais e lá encontram indícios da existência de uma espécie alienígena, aparentemente morta, numa nave abandonada. Ao continuar a expedição, eles encontram, no subsolo daquela nave alienígena abandonada, uma superfície repleta de ovos de tal espécie. Ao se aproximar deles, um dos tripulantes é “atacado” por uma espécie alienígena que acabara de sair de dentro de um dos ovos. Na tentativa de voltar à nave, há um debate entre os tripulantes sobre a necessidade ou não de se cumprir o protocolo da quarentena, tendo em vista que Kane poderia morrer sufocado caso não retirassem aquela espécie de seu rosto. Mesmo sem acordo entre eles, os tripulantes retornam à nave e o homem é colocado em observação a fim de encontrar uma forma de remover o ser que estava grudado em seu rosto e o impedia de respirar. Na primeira tentativa de remoção, o ser alienígena, como forma de defesa, libera uma substância altamente letal que corrói todo o metal da nave com que entra em contato. Após alguns exames, eles descobrem que Kane está em coma, entretanto, ao mesmo tempo que o ser alienígena lhe tira a consciência, também o mantém vivo. Após algum tempo, o ser que estava grudado ao rosto de Kane se solta e cai seco, sem vida. Kane se recupera e senta para jantar com os outros tripulantes quando, de repente, começa a se sentir mal. Em seguida, do seu corpo sai um ser alienígena de tamanho mediano, rasgando-lhe a carne e levando o homem à morte em poucos segundos. A cena é extremamente chocante e cheia de sangue, tal qual a cena do parto ocorrida em “Bloodchild”. Entretanto, o nascimento descrito em “Alien” não se dá de forma pacífica, como ocorre na *Preserve*, em que os humanos têm chances de sobrevivência: o ser alienígena de “Alien” se utiliza do corpo humano apenas enquanto precisa se desenvolver; quando pronto, ele não precisa mais daquela carcaça em que foi hospedeiro e sai da forma que lhe é conveniente, rasgando os tecidos e órgãos vitais do humano. A semelhança do conto ao roteiro do filme nos leva a um questionamento interessante acerca da originalidade na literatura, ponto que será focado adiante no contexto da discussão sobre os elementos paródicos presentes no conto de Butler.

Embora o conto apresente apenas homens como hospedeiros, a hospedagem também poderia ser feita em corpos femininos. O que ocorria, de fato, era uma

preferência pelo sexo masculino para esta função, deixando as mulheres livres para que gerassem uma descendência da própria espécie que, por sua vez, lhes forneceria novos animais hospedeiros (“Em geral, porém, escolhem os homens e reservam as mulheres para procriar”<sup>26</sup>, BUTLER, 1995, p. 99), o que provoca um aprisionamento da mulher na função reprodutiva de sua própria espécie. Em termos de uma leitura sob a ótica feminista, tal detalhe do enredo suscita reflexões em duas direções: a primeira, *problemática*, por se tratar de uma repetição das ideologias e formas patriarcais existentes em nossa sociedade, o que incide, nesses termos, em um “aprisionamento” das mulheres ao papel biológico que se eterniza culturalmente através do entendimento de seu corpo através dos discursos e práticas patriarcais; a segunda, *transgressora*, em que pese a possibilidade de flexibilização deste papel, cujo principal eixo, no enredo, é o deslocamento da maternidade por meio da possibilidade de escolha por parte da irmã de Gan.

Na seção seguinte, passarei à discussão da fortuna crítica acerca do conto, cujos principais eixos são: a relação de simbiose que se estabelece entre os humanos e os Tlic no conto e o modo como o contexto alienígena no conto proporciona estranhamento de funções biológicas já naturalizadas em nossa cultura (DE LA ROCQUE, 2006); o caráter profético das utopias e distopias e o pensamento em favor da comunidade (HAIRSTON, 2006); o embate entre natureza, cultura e dominação (MAYNARD, 2007), as discussões sobre a política de gênero (DUCAO, 2007) e a estrutura de poder configurada no conto (HELFORD, 2008). Destes eixos, ressalte-se que o enfoque deste trabalho reside, sobretudo, no modo como a relação hierárquica entre as espécies presentes no conto funciona como uma metáfora para as relações de gênero na contemporaneidade que incidem, em sentido formal, numa revisão dos gêneros e formas literárias vigentes.

#### **4.4 As relações de poder em “Bloodchild”: diálogos possíveis**

Discutir as relações entre gênero e poder tem sido uma das pautas do feminismo desde a sua ascensão na década de 1960. O conto “Bloodchild”, como uma atualização literária de tal discussão para os anos 1990 – e que se estende aos dias de hoje – apresenta importantes representações paródicas de tais relações que

---

<sup>26</sup> Original: “But they usually take men to leave the women free to bear their own young” (1995, p. 21)

dialogam com várias leituras prévias do romance, como será exposto mais adiante. Para Anunciata Sawada, Ildney Cavalcanti e Lucia de La Rocque (2012), tais relações de poder no conto apresentam forte ligação com o romance *The handmaid's tale*, de Margaret Atwood, em que pese a temática do poder e da submissão que se encontram substancialmente interligadas às questões envolvendo maternagem e maternidade:

No caso de “Bloodchild”, acreditamos que o que mais salta aos olhos, na relação de dominação entre os Tlic e os humanos é a inversão da concepção do macho como componente ativo no engravidamento da fêmea passiva (MARTIN, 1991) – chegou-se inclusive a crer, por séculos, que a mulher só contribuiria com o útero como recipiente, o que ironicamente pode de fato chegar a ocorrer com as novas tecnologias reprodutivas (LE BRETON, 2007). (SAWADA; CAVALCANTI, DE LA ROCQUE, 2012, p. 2)

De La Rocque (2006) aponta que a necessidade de propagação dos Tlic e dos humanos confere um caráter simbiótico à relação entre as duas espécies e chama também a atenção para a funcionalidade do contexto alienígena no qual a narrativa se insere, pois os diversos acontecimentos que envolvem as questões de gênero e causam estranhamento no conto geralmente são encarados com naturalidade em nossa sociedade. Além disso, acrescento, com base na noção de realidade construída de Iser (2002), que quando “posto entre parênteses”, esse mundo representado na narrativa se revela como ficção:

O texto ficcional contém muitos fragmentos identificáveis da realidade, que, através da seleção, são retirados tanto do contexto sociocultural, quanto da literatura prévia ao texto. Assim, retorna ao texto ficcional uma realidade de todo reconhecível, posta agora, entretanto, sob o signo do fingimento. Por conseguinte, este mundo é posto entre parênteses, para que se entenda que o mundo representado não é o mundo dado, mas que deve ser apenas entendido como se o fosse. Assim, se revela uma consequência importante do desnudamento da ficção. Pelo reconhecimento do fingir, todo o mundo organizado no texto literário se transforma em um *como se*. (ISER, 2002, p. 973, grifos do autor).

Acrescente-se ao comentário de Iser que, na Ficção Científica, esse tipo de característica é mais perceptível do que nos modos ficcionais mais realistas.

Como nos adverte Hutcheon, “[n]a verdade, uma obra literária já não pode ser considerada original; se o fosse, não poderia ter sentido para seu leitor [e leitora]” (HUTCHEON, 1991, p. 166). A autora assim continua:

Atualmente esse vínculo formal por intermédio dos denominadores comuns da intertextualidade e da narratividade costuma ser apresentado não como uma redução ou como um encurtamento do âmbito e do valor da ficção, mas sim como uma ampliação. Ou, se for considerado como uma limitação – restrito ao sempre já narrado –, ele tende a ser convertido no valor básico, como na “visão pagã” de Lyotard (1977, 78) em que ninguém jamais consegue ser o primeiro a narrar alguma coisa, não consegue ser a origem sequer da sua própria narrativa. Lyotard estabelece deliberadamente essa “limitação” como sendo o oposto daquilo que ele considera como a posição capitalista do escritor como criador, proprietário e empresário de sua estória. Grande parte da escrita pós-moderna compartilha essa implícita crítica ideológica aos pressupostos que estão por trás dos conceitos humanistas do século XIX a respeito do autor e do texto, e é a intertextualidade paródica que constitui o principal veículo dessa crítica. (HUTCHEON, 1991, p. 169)

Assim, a narrativa de Butler se mostra, ao subverter formatos tradicionais de algumas narrativas da cultura, como uma paródia das noções tradicionais de gênero na sociedade e na literatura, como forma de criticá-las e, sobretudo, de preencher lacunas deixadas pela visão patriarcal. Para Cuddon (1992), a paródia se caracteriza pela imitação de algo de modo a tornar o objeto de imitação ridículo. Normalmente, esse tipo de ridicularização é atingida numa obra literária de modo semelhante ao trabalho de caricatura: através do exagero de determinadas características do objeto. Forma-se, nesses termos, uma espécie de mimetismo satírico cuja finalidade reside na dosagem equilibrada entre a semelhança e a distorção das principais características do objeto “original”. “A paródia é, pois, uma forma de imitação caracterizada por uma inversão irônica”, ou, ainda, uma “repetição com distância crítica, que marca a diferença em vez da semelhança” (HUTCHEON, 1985, p. 17). Hutcheon explica que

foram as autoras feministas, juntamente com os negros, que utilizaram essa intertextualidade irônica com esses fortes objetivos – tanto ideológica quanto esteticamente (como se, na verdade, os dois pudessem ser separados de modo tão fácil). Para esses autores, a paródia é mais do que uma simples estratégia essencial pela qual a “duplicidade” se revela (Gilbert e Gubar 1979a, 80); é uma das principais maneiras pelas quais as mulheres e outros excêntricos usam e abusam, estabelecem e depois desafiam as tradições masculinas na arte. (HUTCHEON, 1991, p. 175)

Deste modo, em vez de se configurar pela repetição das noções tradicionais de gênero, o conto é iluminado pela transgressão dessas “leis”. Em outras palavras,

ironicamente, o conto diferencia-se pela semelhança com seu propósito crítico (que não pode, nesses termos, ser entendido como imitação).

A paródia intertextual dos clássicos canônicos americanos e europeus é uma das formas de se apropriar da cultura dominante branca, masculina, classe-média, heterossexual e eurocêntrica, e reformulá-la – com mudanças significativas. Ela não rejeita essa cultura, pois não pode fazê-lo. O pós-modernismo indica sua dependência com seu uso do cânone, mas revela sua rebelião com seu irônico *abuso* desse mesmo cânone. (HUTCHEON, 1991, p. 170)

A narrativa de Butler não soa, embora seja característica das paródias, com tom engraçado ou risível: mas ridiculariza certas noções patriarcais cristalizadas em nossa cultura por meio de uma ampla revisão dos gêneros narrativos que incorpora. Ela se mostra, a princípio, como uma “duplicidade” das relações de gênero da nossa sociedade de forma inversa, a qual conseguimos reconhecer, mas que tende a causar estranhamento, pois é agora o homem que tem como destino a propagação da vida. No entanto, essa inversão não tem propósito de solucionar os problemas inerentes ao aprisionamento do corpo feminino ao papel biológico de mãe através da transferência da responsabilidade pela maternidade de um para o outro, pois esta inversão se mostra como um também possível problema. Deste modo, considero importante salientar que a repetição empregada por Butler tem objetivos críticos e não funciona, como se poderia chegar a pensar, como uma forma de vingança das mulheres.

As relações com outros textos, como forma de reescritura e ressignificação das temáticas que constituem seu pano de fundo, são múltiplas. Uma delas, conforme mencionado anteriormente, diz respeito ao diálogo com o filme “Alien”, através de uma “duplicidade” irônica que subverte o modo com que se relacionam a criatura que é gerada e a carcaça que lhe serviu de hospedeiro. No filme, o hospedeiro é mero objeto e não há preocupação alguma com sua sobrevivência; no conto, todavia, com o propósito de se mostrar como uma paródia das relações de gênero contemporâneas, essa “duplicidade” se torna mais evidente, tendo em vista que o relacionamento amoroso protagonizado por Gan e T’Gatoi esconde, de certo modo, o propósito que institucionaliza o casamento e as relações amorosas: a proteção e propagação da espécie. Pode-se também argumentar que, além de oferecer uma reescritura paródica de gêneros específicos – como a história de amor

– e de textos impactantes na cultura – como a cena do filme “Alien” – o conto também reescreve textos canônicos centrados na função reprodutora da mulher, como o bíblico. Ressalto, por exemplo, a narrativa bíblica de Raquel e Jacó presente em Gênesis (30): Raquel, não podendo exercer a função biológica de mãe, é tida como sem valor para o marido e para a sociedade com a qual convive e por esta razão acaba pedindo que ele se deite com sua escrava Bilha para que possam ter filhos através do corpo de outra mulher.

Hairston (2006) define a literatura de Butler como profética, pois entende que, a partir de um poder de discernimento, a autora consegue iluminar as possibilidades imanentes do presente “aqui e agora” em suas narrativas. “Ao substituir o *poderia ser* ou o *seria* por *é*, os profetas nos permitem o vôo subjuntivo de fantasia que antecipa a visão da transformação e inaugura um novo dia”<sup>27</sup> (2006, p. 287, grifos da autora, tradução minha). Ela assim continua seu comentário sobre o conto:

Os personagens de Butler valorizam a comunidade acima do sucesso individual. Ou melhor, o sucesso individual é definido em termos de comunidade. Suas questões são: o que *nós* fazemos para sobreviver? Como *nós* devemos mudar, se não estamos para ser exterminados pelos outros, por nós mesmos? Suas histórias têm como foco aqueles que fazem os compromissos, que não tem poder para determinar seus lugares na sociedade, aqueles que são forçados a viver suas vidas determinadas pelos seres ou forças mais poderosas.<sup>28</sup> (HAIRSTON, 2006, p. 297, grifos da autora, tradução minha)

O pensamento em favor da comunidade pode ser exemplificado pela nomenclatura dada a cada ser no planeta Tlic em função do seu papel social (normalmente reprodutivo, quando se trata dos humanos): um Tlic, como ser superior na hierarquia planetária, tem o nome precedido de *T'*; um humano em gestação de ovos de Tlic recebe um *N'* como prefixo; e um humano que já deu à luz larvas de Tlic passa a usar *Ch'* antes do nome. Tal organização, dialoga com a tradição do utopismo literário presente em narrativas como a *República* de Platão e a própria *A utopia*, de Morus, em que as sociedades são politicamente bem

<sup>27</sup> Original: “By substituting *might be* or *would be* for *is*, prophets allow us the subjunctive flight of fancy that prefigures transformation and usher in a brand new day”.

<sup>28</sup> Original: “Butler’s characters value community over individual success. Or better, individual success is defined in terms of community. Her question are: what do *we* do to survive? How must *we* change if we are not to be wiped out by the others, by ourselves? Her stories focus on those who make the compromises, those who do not have the power to determine their place in society, those who are forced to live lives defined by more powerful beings/forces”.

estruturadas e as nomenclaturas empregadas estão relacionadas ao papel social desempenhado por aquele que recebe o nome. Maynard (2007), em “Lessons from culture” faz uma reflexão que leva em consideração as concepções de natureza que o conto sugere a partir da ligação entre Gan e T’Gatoi. Em consonância com Butler em sua nota sobre o conto, o estudo afirma que a relação entre as personagens não se trata de escravidão, uma vez que T’Gatoi permite que Gan mantenha uma arma – o que não era permitido na *Preserve* – tornando-o, assim, livre. Isso faz com que Gan alcance um nível mais elevado de igualdade dentro da cultura existente na sociedade Tlic, permitindo, ainda, que o protagonista altere a cultura que o molda. Assim, Butler tenta provocar e mudar as percepções da ordem natural que envolve os relacionamentos, a cultura e a dominação, principalmente no que dizem respeito à temática da maternidade.

Ducau (2007) atenta, mais tarde, para o modo como Butler fez uso do realismo obstetrício e da fantasia de um planeta alienígena para inverter a política de gênero que envolve a representação da maternidade na narrativa, uma vez que, na sociedade do conto, ao contrário do papel tradicional atribuído ao homem na literatura, a figura masculina não é colocada no papel dominante dos relacionamentos e da sociedade. Além disso, é uma alienígena, cujo papel biológico se assemelha ao das mulheres na espécie humana, que ocupa o cargo mais respeitável da *Preserve* – T’Gatoi. Ducau ressalta, ainda, que, no momento histórico em que o conto foi escrito, as discussões sobre gênero e aborto se encontravam em primeiro plano na mídia. Ainda hoje, tais discussões não cessaram e o aborto, já discutido por Simone de Beauvoir em seu *Segundo Sexo* (2009), continua tão polêmico quanto era na época de sua escrita. A autora, assim, observa:

No norte da África, a mulher árabe não tem a possibilidade de provocar voluntariamente o aborto: em cada dez filhos que concebe, sete ou oito morrem e ninguém se incomoda que as pessoas e as difíceis maternidades matem o sentimento materno.

As razões práticas invocadas contra o aborto legal não têm nenhum peso; quanto às razões morais, reduzem-se ao velho argumento católico: o feto possui uma alma a que se veda o paraíso, suprimindo-o antes do batismo. É de observar que a Igreja autoriza ocasionalmente a morte de homens feitos: nas guerras ou quando se trata de condenados à morte; reserva porém para o feto um humanitarismo intransigente. Não é ele resgatado pelo batismo, mas, na época das guerras santas contra os infiéis, estes não o eram tampouco e o massacre deles era fortemente encorajado. As vítimas



da Inquisição não se achavam sem dúvida todas em estado de graça, como hoje o criminoso que é guilhotinado ou os soldados que morrem no campo de batalha. (DE BEAUVOIR, 2009, p. 647)

Helford (2008), por sua vez, alega que a estrutura de poder presente no conto é uma metáfora para a sujeição das relações humanas de gênero ao patriarcado, ilustrada pela imagem de um homem sofrendo as dores da gestação e T'Gatoi cumprindo um papel geralmente atribuído ao gênero masculino – o político – ao proteger os humanos da exploração por parte de sua espécie.

A sociedade Tlic do conto é regida por um sistema matriarcal, entendido, segundo a concepção de Bamberger (1979), como uma base lógica para uma nova ordem social que se configura a partir da presença do sujeito feminino no controle de papéis sociais e econômicos. Ainda do ponto de vista da paródia, no contexto literário, isso representaria uma forma de resistência e negação dos preceitos impostos pela hegemonia do patriarcado. A configuração desse sistema matriarcal no conto pode ser ilustrada pela presença de uma Tlic fêmea assumindo o papel de maior importância política dentro daquela sociedade chamada *Preserve*. Além disso, a importância social dos machos naquele território é reduzida, uma vez que eles não se desenvolvem até a idade adulta como as fêmeas da mesma espécie; além disso, sua participação no processo de reprodução não é elemento enfatizado na narrativa, o que nos leva a crer que, de modo geral, seu papel é quase nulo na história.

Deste modo, a noção de gênero é moldada no conto a partir da necessidade de propagação de ambas as espécies – Tlic e humana –, o que implicou no estabelecimento de uma relação simbiótica entre os seres das duas espécies, conforme já visto em seção anterior. Por sua vez, a existência de uma relação de simbiose transforma a estrutura de poder e a política de gênero que envolve a maternidade no conto, fazendo com que homens enfrentem dilemas típicos da experiência e do papel biológico femininos.

Mas se os homens, aqui, são submetidos às mesmas funções biológicas e sociais que tendem a criar um estereótipo de mulher e a aprisioná-la, é interessante perguntar: seria isso uma mera repetição da sociedade patriarcal, de modo inverso? As evidências apontam para outro caminho:

As distopias feministas desenham infernos patriarcais de opressão, discriminação e violência contra as mulheres, mapeando assim a sociedade contemporânea. Ao mesmo tempo, e revelando sua natureza ambígua, essas ficções expressam de forma importante desejos e esperanças utópicos pertinentes às mulheres. Vistos sob um ângulo específico, esses textos oferecem um antídoto à banalização da misoginia, que ainda se constitui um dos males da nossa sociedade. Em outras palavras, eles trazem à luz atitudes e valores androcêntricos que, na maioria dos casos, passam despercebidos. E questionam tais valores e atitudes através do exagero na assimetria de poder entre os sexos, um exagero motivado pelo princípio crítico e indicativo da proximidade existente entre as distopias e as sátiras. (CAVALCANTI, 2003, p. 338)

Ainda segundo Cavalcanti (2003), o perigo de uma leitura das distopias apenas como cenários de repetição da opressão sofrida pelas mulheres é de que essas narrativas sejam interpretadas como “anti-feministas” (quando não o são). Maternidade é, nesse sentido, reconfigurada no conto não como uma forma de vingança em que se espera que a escrita da mulher transfira para a figura do homem, na literatura, aquilo que a incomoda e a aprisiona na realidade social em que vivemos. O conto apresenta mais que uma repetição ou uma transferência: ele representa o exagero dos problemas envolvendo uma das experiências humanas que mais contribuem para a desigualdade de gênero na sociedade: a maternidade. É também, nesses termos, um desvio: ao mostrar essas relações assimétricas na figura de seres alienígenas, passa-se a perceber como estranhas as experiências biológicas e as dúvidas e dilemas que a maternidade proporciona, o que nos leva a crer que não se trata de uma mera repetição, mas de um desvio em que se reconhece que a duplicidade – ou a transferência da responsabilidade pela procriação para outro sexo – é uma estratégia narrativa crítica, tipicamente paródica, e que sinaliza sua diferença (e também seu caráter de transgressão) a partir do modo como tais imagens se mostram estranhas em suas representações.

#### **4.5 A (re)construção literária da maternidade: entre o estético e o político**

Assim como em outras narrativas de Butler, a biologia, mais especificamente a fisiologia reprodutiva, perpassa todo o conto enquanto propulsora do enredo, revelando as imbricações entre questões relativas ao prolongamento das espécies e os papéis invertidos de gênero na narrativa. A estrutura da narrativa de Butler provoca uma desestabilização da lógica que compreende gênero a partir do binarismo homem/mulher e, sobretudo, da hegemonia patriarcal, por meio da

instituição de uma política de gênero subversiva regendo as questões da maternidade na narrativa. Ademais, o próprio título do conto, “Bloodchild”, que significa filho de sangue, sugere mais do que uma relação biológica natural entre os pais e a sua descendência, diz também respeito às relações entre os hospedeiros e as larvas, que se alimentam de seu sangue:

T’Gatoi encontrou uma larva que ainda estava comendo a casca do seu ovo. Os restos da casca ainda estavam presos a um vaso sanguíneo, através de um pequeno tubo. Era assim que as larvas se ancoravam ao hospedeiro, era assim que se mantinham vivas. Alimentavam-se apenas de sangue até estarem prontas para sair do ovo. Aí, comiam as cascas flexíveis dos ovos. Depois, começavam a comer o hospedeiro.<sup>29</sup> (BUTLER, 1992, p. 96-97)

O texto literário, em sua multiplicidade de significações, é sempre marcado por ambiguidades. No fragmento acima, a ambiguidade reside na associação entre natureza e cultura em um só termo. Se por um lado, o sangue é entendido, como o é para a biologia, como uma relação natural de parentesco entre os pais e sua descendência, por outro, o sangue que permeia as entrelinhas do conto está muito mais relacionado à característica de hospedeiro, em uma condição que é, para as personagens, artificial e, como tal, causa um estranhamento, típico da ficção científica. Nesse ponto de vista, a relação entre sangue e descendência se estabelece, na verdade, pelo desempenho de um papel social, de um contrato de sobrevivência selado entre espécies distintas com o mesmo fim.

Assim, Butler aproxima o discurso literário ao discurso da genética<sup>30</sup>, ciência que se ocupa das leis de transmissão de características hereditárias dos seres vivos à sua descendência. Além disso, maternidade é reconfigurada no conto a partir da existência de seres humanos no papel de hospedeiros que são, conseqüentemente, dominados pelos seres alienígenas Tlic, detentores do poder político. A situação distópica à qual os humanos são submetidos em prol da sobrevivência e propagação da própria espécie tende a colocá-los num papel passivo nas relações interpessoais e afetivas, o que pode ser lido como uma metáfora para a forma como o patriarcado

---

<sup>29</sup> Original: “T’Gatoi found a grub still eating its egg case. The remains of the case were still wired into a blood vessel by their own little tube or hook or whatever. That was the way the grubs were anchored and the way they fed. They took only blood until they were ready to emerge. Then they ate their stretched, elastic egg cases. Then they ate their hosts”. (BUTLER, 1995, p. 17).

<sup>30</sup> Sobre esta aproximação, ver estudos de Santos (2011) e de Cavalcanti e De La Rocque (2008), que analisam o conto “The evening and the morning and the night”

tende a relegar a mulher a um segundo plano das relações e decisões, principalmente no que diz respeito às questões da maternidade.

Narrado em primeira pessoa por um garoto, o texto parece a princípio conflitar com a tentativa feminista de dar voz às mulheres a partir de narrativas protagonizadas também por mulheres. A escolha, contudo, não foi feita por acaso e se mostra coerente ao passo que dá voz a um garoto que vivencia a experiência da gestação e, ao fazê-lo, traz à tona questões e dilemas que perpassam o universo feminino e que tendem a impor às mulheres a condição de segundo sexo. O conto apresenta esses mesmos dilemas e questões na figura de um garoto frágil e em um planeta alienígena, o que reforça a condição de estranhamento com que tais aspectos são observados e corrobora o entendimento de que a maternidade não está relacionada apenas à natureza, mas à cultura, que tende a naturalizar tais questões por força da capacidade biológica – e não necessidade – de procriar, a exemplo do que ocorre com as mulheres na *Preserve*, que são reservadas para finalidades reprodutivas em função desta capacidade, mesmo que não sintam vontade nem escolham ser mães.

Se por um lado, a presença de um narrador do sexo masculino parece ser paradoxal em relação à tentativa feminista de dar voz às mulheres, por outro, a narração se mostra como uma forma eficaz de fortalecer o personagem que, por força da sua função reprodutiva na sociedade Tlic, seria silenciado. Os humanos haviam sido, por muito tempo, tratados como seres meramente destinados à reprodução Tlic, condição semelhante à da mulher em nossa sociedade em determinados contextos, em que pesa mais o papel de mãe que vários outros de mulher, como coloca Badinter em seu estudo (2011), discutido no capítulo 1, e que é tão bem representado em distopias de autoria feminina, como o já clássico e também satírico *The handmaid's tale* (1985), de Margaret Atwood. No fragmento a seguir, o passado dos humanos no planeta habitado pelos alienígenas mostra uma condição de submissão e opressão. Enquanto T'Gatoi havia se sensibilizado em relação à condição humana, outros Tlics ainda se questionavam o porquê de existir um espaço de proteção política para os humanos:

Seu povo queria que mais de nós estivéssemos disponíveis. Só que ela e sua facção política se colocavam entre nós e as hordas que não compreendiam por que havia uma Reserva – porque não era possível requisitar, contratar, recrutar qualquer terráqueo. Ou compreendiam, mas, no seu desespero, não se importavam. Ela nos distribuía para os desesperados e nos vendia para os ricos e poderosos, em troca de apoio político. Assim, éramos necessidades, símbolos de *status* e uma raça independente. Ela supervisionava a formação das famílias, pondo um fim aos últimos vestígios do antigo sistema de separar as famílias para satisfazer aos tlics impacientes. Eu vivera com ela no mundo exterior. Tinha visto a sofreguidão com que algumas pessoas olhavam para mim. Era um pouco assustador saber que apenas ela se interpunha entre nós e o desespero que facilmente poderia nos tragar.<sup>31</sup> (BUTLER, 1992, p. 88)

A condição extremamente distópica e passiva dos terráqueos naquele planeta fazia com que Qui, irmão de Gan, questionasse frequentemente a relação de T'Gatoi e dos demais seres daquela espécie com sua família. Para ele, a condição humana naquela sociedade era de meros animais hospedeiros destinados à reprodução, fato que se evidenciou após presenciar a morte de um humano devido à hospedagem das larvas, como coloca em conversa com Gan:

- Eu vi as larvas comerem um homem – insistiu. – Aconteceu quando eu era pequeno. Tinha ido à casa de Hartmund e estava voltando para casa. No meio do caminho, vi um homem e uma tlic, e o homem estava n'tlic. O terreno era acidentado. Consegui me esconder e observá-los sem ser visto. A tlic não queria abrir o homem porque não tinha nada para alimentar as larvas. O homem não agüentava mais andar e não havia casas por perto. Estava sofrendo tanto que pediu à tlic para matá-lo. Suplicou que o matasse. Finalmente, ela concordou. Cortou-lhe a garganta com as garras. Vi as larvas aparecerem na superfície e depois entrarem de novo, ainda comendo a carne dele.

Suas palavras me fizeram ver de novo a carne de Lomas, pulsando com o movimento interior.<sup>32</sup> (BUTLER, 1992, p. 99)

---

<sup>31</sup> Original: “Her people wanted more of us made available. Only she and her political faction stood between us and the hordes who did not understand why there was a Preserve – why any Terran could not be courted, paid, drafted, in some way made available to them. Or they did understand, but in their desperation, they did not care. She parceled us out to the desperate and sold us to the rich and powerful for their political support. Thus, we were necessities, status symbols, and an independent people. She oversaw the joining of families, putting an end to the final remnants of the earlier system of breaking up Terran families to suit impatient Tlic. I had lived outside with her. I had seen the desperate eaderness in the way people looked at me. It was a little frightening to know that only she stood between us and the desperation that could so easily swallow us.” (BUTLER, 1995, p. 5).

<sup>32</sup> Original: “I saw them eat a man,” He Said.

I turned to face him. “You’re lying!”

“I saw them eat a man.” He paused. “It was when I was little. I had been to Hartmund house and I was on my way home. Halfway here, I saw a man and a Tlic and the man was N’Tlic. The ground was hilly. I was able to hide from them and watch. The Tlic wouldn’t open the man because she had nothing to feed the grubs. The man couldn’t go any further and there were no houses around. He was in so much

Assustado com o destino a que havia sido recentemente apresentado, Gan pergunta por que Qui não lhe havia contado. Para sua surpresa, ele também não sabia, parecia perplexo de ter dividido aquilo com o irmão. Gan questionou se aquele teria sido o motivo para que ele quisesse fugir da *Preserve*.

- Foi. Que bobagem! Tentar fugir dentro de uma jaula. Sacudi a cabeça e disse o que devia ter dito a ele havia muito tempo.
  - Ela não escolheu você, Qui. Não precisa se preocupar.
  - Ela escolheria... se alguma coisa acontecesse com você.
  - Não. Ela escolheria Xuan Hoa. Hoa... está de acordo.
- Ela não estaria se tivesse ficado para observar Lomas.
- Eles não querem as mulheres – disse ele, com um muxoxo.
  - Isso não é verdade. – Olhei para ele de soltaio. – Na verdade, preferem mulheres. Devia ouvir o que eles dizem entre eles. Dizem que as mulheres têm mais gordura para proteger as larvas. Em geral, porém, escolhem os homens e reservam as mulheres para procriar.<sup>33</sup>
- (BUTLER, 1992, p. 99)

A vontade de fugir que se apresenta na figura do irmão de Gan pode representar uma busca utópica para os humanos que se encontravam na condição de hospedeiros. Os terráqueos que presenciam o parto de um N'Tlic se sentem assustados e cheios de dúvidas: engravidar não é uma escolha, mas uma obrigação em função do contrato de sobrevivência selado entre os humanos e os Tlic muito antes de eles nascerem. Para Gan, a utopia de Qui – fugir da “Preserve” – só pode ser alcançada na forma de um suicídio, como reflete Gan ao conversar com T'Gatoi:

- Teria se matado?
- Respondi de forma hesitante, pouco à vontade.
- Talvez. É a “fuga” de Qui, só que ele não sabe.<sup>34</sup> (BUTLER, 1992, p. 106)

Em relação ao final, observa-se uma abertura, uma espécie de suspensão da narrativa em determinado momento, que deixa margem para diversos desfechos.

pain, he told her to kill him. He begged her to kill him. Finally, she did. She cut his throat. One swipe of one claw. I saw the grubs eat their way out, then burrow in again, still eating.” (BUTLER, 1995, p. 20)

<sup>33</sup> Original: “Yeah. Stupid. Running inside the Preserve. Running in a cage.”

I shook my head, said what I should have said to him long ago. “She wouldn’t take you, Qui. You don’t have to worry.”

“She would... if anything happened to you.”

“No, she’d take Xuan Hoa. Hoa... wants it.” She wouldn’t if she had stayed to watch Lomas.

“They don’t take woman,” he said with contempt.

“They do sometimes,” I glanced at him. “Actually, they prefer women. You should be around them when they talk among themselves. They say women have more body fat to protect grubs. But they usually take men to leave the women free to bear their own young.” (BUTLER, p. 21)

<sup>34</sup> Original: “Would you have destroyed yourself?”

I moved carefully, uncomfortable. “I could have done that. I nearly did. That’s Qui’s ‘away’. I wonder if he knows.” (BUTLER, 1995, p. 29)

Em outras palavras, o final de “Bloodchild”, tal qual os finais das obras contemporâneas como um todo, normalmente mais abertos e/ou subversivos, se abre para uma gama de possibilidades, o que se pode entender, por um viés feminista, como um rompimento com as formas mais tradicionais atribuídas ao logocentrismo, em que o final esperado para uma mulher é o casamento – ou seja, a transferência da figura patriarcal do pai para a do marido –, a morte ou o suicídio, que é a saída apontada por Gan como única possibilidade de fuga da *Preserve*.

Como observa Funck, mais adiante, faz-se necessário enfatizar que a ruptura com os modelos mais tradicionais não se dá apenas por via do final alternativo.

Entre várias táticas utilizadas para distanciar a narrativa das estruturas tradicionais da ficção, DuPlessis reconhece a quebra do desenlace tradicional (morte ou casamento para a heroína), a predominância do enredo romântico sobre o existencial e, o que é mais importante para nossa análise, a utilização de gêneros literários ditos “menores” para quebrar os limites da narrativa tradicional. (FUNCK, 1993, p. 35)

Como afirma Iser, a partir de uma colocação de Culler, o poder de um texto não está na semelhança com a realidade que nos cerca. Ao contrário, reside justamente

“naqueles momentos que excedem nossa capacidade de categorizar, que conflitam com nossos códigos interpretativos, mas que, apesar disso, parecem corretos”. Quando tais relacionamentos são convincentes, sem que possuam uma regularidade comandada por um código, é porque, através deles, os elementos agora interligados logram transgredir os valores de antes. A mudança de valor é um processo plausível que se realiza continuamente pelo relacionamento do material retirado do contexto a que pertence o texto. (2002, p. 366)

Pode-se afirmar, com base na leitura empreendida, que o texto de Butler rompe não apenas com os preconceitos envolvendo as questões de gênero por meio da instituição de uma política de gênero subversiva, motivada pela forma como se configura a maternidade no conto, como também as fronteiras da própria literatura, que se abre para um novo olhar, uma nova forma, uma nova função. Entendida deste modo, a narrativa de Butler escapa às repetições e às meras representações da sociedade. De forma subversiva, ela se coloca como uma forma renovada e política de se fazer literatura, mas que tem leis próprias que escapam aos tradicionais e limitados ditames patriarcais, reconfigurando e iluminando noções

de maternidade alternativas que se propõem nas entrelinhas da “duplicidade” do discurso patriarcal de que se faz paródia.



## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As narrativas de autoria feminina revelam, por meio de um discurso de caráter utópico/distópico, sociedades extremamente patriarcais nas quais as mulheres são oprimidas e submetidas à dominação masculina ou paradigmas de igualdade nas diversas questões relacionadas a gênero, como foi possível observar em *Woman on the edge of time* (PIERCY, 1983) nas questões da maternidade. Em paralelo, o conto “Bloodchild”, fornece, também, reconfigurações de gênero que apontaram para uma ruptura na fronteira que vem sendo estabelecida entre a natureza e a cultura através da transferência do encargo da procriação para o sujeito masculino, numa história que se passa no futuro, em uma sociedade alienígena.

Por muito tempo, eram as leis do patriarcado que detinham o poder de decisão sobre o corpo feminino em diversas questões e, principalmente, naquelas que tangem a maternidade. Essa tentativa de aprisionamento da mulher na natureza por meio da cultura vem sendo perfeitamente ilustrada – e também reescrita – em obras feministas, que permitem que palavras de mulheres se posicionem contra o discurso patriarcal através de reconfigurações da maternidade que instigam debates sobre os papéis relativos da natureza e da cultura nesse âmbito. Tais discussões se iluminam em *Woman on the edge of time* e “Bloodchild” no sentido de libertar, numa perspectiva discursiva, as mulheres de seu tão questionável “destino biológico”. Como afirma De Beauvoir:

Libertar a mulher é recusar encerrá-la nas relações que mantém com o homem, mas não as negar; ainda que ela se ponha para si, não deixará de existir *também* para ele: reconhecendo-se mutuamente como sujeito, cada um permanecerá entretanto um *outro* para o outro; a reciprocidade das relações não suprimirá os milagres que engendra a divisão dos seres humanos em duas categorias separadas: o desejo, a posse, o amor, o sonho, a aventura; e as palavras que nos comovem: dar, conquistar, unir-se conservarão seus sentidos. (DE BEAUVOIR, 2009, p. 935)

Apesar de um certo binarismo heterossexual que vem a tona neste fragmento de de Beauvoir, chamo a atenção mais para a forma que a autora se posiciona em relação à categorização dos seres humanos e as relações de reciprocidade entre eles, independente do gênero que tenham construído em suas identidades sexuais. Assume-se, por este ponto de vista, que as identidades de gênero não devem

influenciar na divisão de tarefas no âmbito doméstico, nem incumbir apenas a parte responsável pela gestão do cuidado com os filhos; as reflexões sobre gênero vão além disso:

É, portanto, à luz de um contexto ontológico, econômico, social e psicológico que teremos de esclarecer os dados da biologia. A sujeição da mulher à espécie, os limites de suas capacidades individuais são fatos de extrema importância; o corpo da mulher é um dos elementos essenciais da situação que ela ocupa neste mundo. Mas não é ele tampouco que basta para a definir. Ele só tem realidade vivida enquanto assumido pela consciência através das ações e no seio de uma sociedade; a biologia não basta para fornecer uma resposta à pergunta que nos preocupa: por que a mulher é o *Outro*? Trata-se de saber como a natureza foi nela revista através da história; trata-se de saber o que a humanidade fez da fêmea humana. (DE BEAUVOIR, 2009, p. 70)

As narrativas aqui estudadas se configuram enquanto espaços que quebram os padrões de poder que envolvem as questões de gênero e maternidade cristalizados pelo sistema patriarcal. A primeira através da descrição de uma sociedade utópica na qual homens e mulheres podem exercer os mesmos papéis e possuem os mesmos direitos nas questões da maternidade; a segunda, através da disposição de uma sociedade de caráter matriarcal na qual o personagem principal é do sexo masculino e sofre dilemas e experiências normalmente atribuídas ao sujeito feminino.

Ambas as narrativas que compõem proporcionam uma desestabilização da lógica que aprisiona o corpo da mulher à natureza e, assim, conferem novos papéis ao sujeito masculino e feminino, quebrando, no campo da ficção científica, paradigmas culturais que correlacionam a mulher à noção de um sujeito materno, e vinculando a maternidade não mais exclusivamente ao corpo, mas à identidade materna. Em função do exposto, a relevância deste estudo reside no caráter inovador e reflexivo acerca do gênero utópico/distópico, contribuindo não só para um maior conhecimento das obras em foco, como também para uma visão cada vez menos compartimentalizada do conhecimento.

As análises das obras em foco foram realizadas a partir de abordagens diferentes de leitura. Em *Woman on the edge of time*, a análise está centrada em observações do romance a partir de uma perspectiva interdisciplinar norteadas por textos da cultura relacionados a temáticas que dialogam com a maternidade, tais

como: aborto (DINIZ, 2012), desejo de filhos (DINIZ, 2012) e loucura (MARIZ, 2012). Por sua vez, em “Bloodchild” a análise está mais situada no terreno das estratégias literárias, observando o modo como a narrativa explora aspectos paródicos para reconstruir e revisitar alguns gêneros literários desde a história de amor, a história de iniciação, a narrativa bíblica, entre outras, até o gênero utópico.

A princípio, uma narrativa utópica se configura pela metaforização da busca ou idealização de espaços alternativos, normalmente isolados, que representem um paradigma para determinado grupo ou indivíduo, um desvio ou uma realidade paralela. O princípio maior da utopia é a noção de que algo falta.<sup>35</sup> Assim, a ficção se assume como forma de preencher esse vazio através da projeção de formas aparentemente melhores, em determinados contextos de produção e recepção. Observa-se, pois, uma tradição utópica em que o termo futuro nos parece informar mais do que uma previsão daquilo que poderá ocorrer, revelando a projeção de um desejo do presente na esperança de um futuro aparentemente melhor. As utopias apontam, entre outras formas e funções, para a dissolução de fronteiras do “ainda não” alcançado apontado por Moylan (1986): as formas contemporâneas de metaforização da utopia vêm ganhando as mais variadas formas e espaços, como é o caso da dimensão espaço-temporal futurística do romance de Piercy e do planeta alienígena de “Bloodchild”.

A esse propósito, é possível tecer aproximações entre as narrativas de Piercy e de Butler, principalmente em razão de seu caráter ambíguo, presente não apenas no termo utopia, em função da duplicidade significativa do neologismo de More, que pode referir-se tanto a um “bom lugar”, de caráter predominantemente utópico, quanto a um “não-lugar”, em que prevalece a distopia, como também nos contextos em que se apresentam e que se mostram, entre outras possibilidades, como narrativas que se “auto-invalidam” (ECO, 2010) por força de suas circunstâncias inverossímeis.

A leitura das ficções de Piercy e Butler apontam para noções de gênero e maternidade que vão além do que se tem sido culturalmente instituído pelos ditames patriarcais. Ambas as narrativas provocam uma desestabilização da lógica que

---

<sup>35</sup> Como nos lembra um dos pensadores sobre o fenômeno da utopia no século XX, Ernst Bloch.

aprisiona o corpo feminino à natureza por meio da cultura e, assim, conferem novos papéis ao sujeito masculino e feminino, quebrando, no campo das ficções científicas, paradigmas culturais que correlacionam a mulher à noção de um sujeito materno. Assim, o presente estudo oferece contribuição para os estudos feministas através da noção de que essas narrativas são espaços privilegiados de divulgação da importância relativa do papel da natureza e da cultura nos aspectos relacionados ao comportamento e as relações humanas, revelados através desse tipo de obra, destacando questões referentes a gênero e ciência e, mais especificamente no âmbito do objeto de análise desse estudo, às formas alternativas de maternidade representadas nessas obras que, quase sempre apontam para tecnologias reprodutivas, como uma forma de feminismo que liberta a mulher para adentrar a esfera pública dominada pelo patriarcado, conferindo a maternidade à tecnologia, não mais à biologia.

Com o aparato das leituras empreendidas nos campos das utopias e distopias literárias, dos estudos literários, dos estudos de gênero e maternidade e das ciências sociais e biológicas, foi possível elaborar uma perspectiva de análise interdisciplinar e que leva em consideração o modo como Piercy e Butler reconfiguram a maternidade por força de suas reconstruções literárias – e também políticas – dos papéis de gênero. Como resultado principal, observou-se que o romance de Piercy está estruturado de modo a quebrar os padrões de poder que envolvem as questões de gênero e maternidade cristalizados pelo sistema patriarcal, no entanto, a narrativa o faz através da descrição de uma sociedade utópica na qual homens e mulheres podem exercer os mesmos papéis e possuem os mesmos direitos nas questões da maternidade. Do mesmo modo, a política de gênero é moldada no conto a partir da necessidade de reprodução e continuidade das espécies representadas, o que faz com que se estabeleça uma relação que oscila entre poder e submissão entre os humanos e os seres Tlic. Essa relação entre as personagens de espécies diferentes representa a estrutura de poder transformada em termos de uma política de gênero que envolve de forma central o tema da maternidade.

O emprego de meios de tecnologia reprodutiva avançados no romance causa uma ruptura nas configurações sociais que diferenciam homens de mulheres nas

questões relacionadas a poder, maternidade e família. A maternidade é, assim, transferida da biologia para a tecnologia, reconstituindo noções de poder e identidade e incidindo, também, numa reconfiguração familiar. Na sociedade utópica descrita em *Woman on the edge of time*, a maternidade está subjugada a um papel social, exercido por vontade própria dos indivíduos. No conto de Butler, no entanto, a maternidade é mais vinculada a um papel biológico, pois o corpo do homem é usado para hospedar os ovos dos seres alienígenas, como uma espécie de mãe de aluguel, parodiando os discursos hegemônicos.

*Woman on the edge of time* e “Bloodchild” reconfiguram o papel materno, sobretudo, por meio de um afastamento do sujeito feminino da natureza, provocando uma reconstituição do papel do homem. A sociedade onde vive a protagonista do romance é patriarcal, no entanto, as viagens feitas mentalmente à sociedade utópica do futuro proporcionam uma desestabilização das noções de gênero cristalizadas culturalmente pelo patriarcado. O conto, por sua vez, o faz através da configuração de uma sociedade alienígena matriarcal que confere poder às fêmeas de sua espécie e que submete o corpo humano masculino a uma maternidade biológica de caráter artificial.

As leituras empreendidas apontam, de modo geral, para uma desestabilização de noções cristalizadas de gênero na cultura, o que incide, especificamente no que diz respeito a este estudo, em reconfigurações das noções da maternidade, as quais foram analisadas a partir de duas perspectivas: a primeira, através de uma abordagem interdisciplinar que incide em questionamentos referentes às relações de gênero contemporâneas; e a segunda, através da análise do modo como o conto provoca uma ruptura com alguns gêneros da cultura literária e que funcionam como uma paródia dessas relações de gênero e também das formas literárias mais tradicionais.

Para concluir, e em síntese ao que foi exposto acima, as leituras das ficções de Piercy e Butler apontam para uma desestabilização da lógica que compreende gênero a partir do binarismo homem/mulher por meio da representação de um modelo de sociedade utópica que confere direitos iguais para homens e mulheres na maternagem, entre outras questões, como se pode notar no romance, e da instituição de uma política de gênero subversiva regendo as questões da

maternidade no conto. Notou-se, ainda, a influência dos campos discursivos da biologia e da genética enquanto propulsores do enredo e, através de seu entrecruzamento com os demais discursos que corroboram a análise, foram observadas convergências entre as categorias que envolvem questões relacionadas à biologia, representação de gênero e questões referentes a poder e identidade, moldando a política de gênero em decorrência dos paradigmas utópicos de igualdade construídos no romance de Piercy e da necessidade de propagação das espécies representadas no conto de Butler.

A partir de uma leitura que leva em consideração as visões anti-essencialistas propostas por de Beauvoir (2009) e por Butler (2004), no sentido de “desfazer gênero”, a pesquisa desenvolvida suscitou também questionamentos e novos olhares que podem constituir desdobramentos de pesquisa através da leitura de outras narrativas contemporâneas mais recentes que dialoguem com o estudo já efetuado. Tal prolongamento poderá ser norteado, entre outros possíveis caminhos, por uma leitura mais centrada no diálogo com outros textos da cultura capazes de iluminar as leituras das referidas obras e das demais que poderão ser incorporadas ao escopo deste trabalho, em estudo posterior. Outro ponto que tange essa discussão, diz respeito aos feminismos pós-coloniais e à desconstrução de tais colonialismos no âmbito da literatura, a partir do entendimento de que a maternidade também pode ser lida como um dos colonialismos a que o corpo feminino está sujeito, e que poderá ser um dos outros possíveis caminhos de leitura ao qual esse estudo poderá se desdobrar e propor novas leituras e novos olhares sobre a representação da maternidade no terreno literário.

## REFERÊNCIAS

ASH, Constance. **Not of woman born**. New York: Roc, 1999.

BADINTER, Elizabeth. **Um amor conquistado** – o mito do amor materno. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1985.

\_\_\_\_\_. **O conflito**: a mulher e a mãe. Tradução Vera Lucia dos Reis. Rio de Janeiro: Record, 2011.

BAMBERGER, Joan. O mito do matriarcado: por que os homens dominam as sociedades primitivas? In: BAMBERGER, Joan et al. **A mulher, a cultura e a Sociedade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

BARTKOWSKI, Francis. The kinship web: Joanna Russ's *The female man* and Marge Piercy's *Woman on the edge of time*. In: \_\_\_\_\_. **Feminist utopias**. Nebraska: The University of Nebraska Press, 1989.

BERKSON, Dorothy. "So we all became mothers": Harriet Beecher Stowe, Charlotte Perkins Gilman, and the new world of women's culture. In: JONES, Libby Falk; GOODWIN, Sarah Webster. (eds.). **Feminism, utopia, and narrative**. Knoxville: The University of Tennessee Press, 1990.

BÍBLIA, Português. **A Bíblia Sagrada**: Antigo e Novo Testamento. Tradução João Ferreira de Almeida. Brasília: Sociedade Bíblia do Brasil, 1969.

BLOCH, Ernst. **O princípio esperança**. v1. Tradução Nélio Schneider. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2005.

BUTLER, Judith. **Undoing gender**. New York: Routledge, 2004.

BUTLER, Judith. Variações sobre sexo e gênero. In: BENHABIB, Seyla; CORNELL, Drucilla (orgs.). **Feminismo como crítica da modernidade**: releitura dos pensadores contemporâneos do ponto de vista da mulher. Tradução Nathanael da Costa Caixeiro. Rio de Janeiro: Rosa dos tempos, 1987.

BUTLER, Octavia. Bloodchild. In: **Bloodchild and other stories**. New York/London: Four Walls Eight Windows, 1995.

BUTLER, Octavia. Os Hospedeiros. In: **Isaac Asimov Magazine**: ficção científica. Tradução Ronaldo Sergio de Biasi. Rio de Janeiro: Record, 1992. v.21. p. 87-106.

BULTER. In: PASADENA. Disponível em: <<http://www.pasadena.edu/about/history/alumni/butler/butler.cfm>>. Acesso em: 25 dez. 2007.

CARROLL, Gordon; GILER, David; HILL, Walter; SCOTT, Ridley. **Alien**: o 8º Passageiro. Produção de Gordon Carroll, David Giler e Walter Hill, direção de Ridley Scott. Estados Unidos, Terry Rawlings, 1979. Cor, 117 min.

CAVALCANTI, Ildney. A distopia feminista contemporânea: um mito e uma figura. In: BRANDÃO, Izabel; MUZART, Zahidé L. (orgs.). **Refazendo nós**. Florianópolis: Editora Mulheres, 2003.

CAVALCANTI, Ildney; DE LA ROCQUE, Lucia. Essentialism and anti-essentialism in “The evening and the morning and the night”, by Octavia Butler. In: **LEITURA**, n. 41, p. 55-73, jan/jun, 2008.

CAVALCANTI, Ildney; PRADO, Amanda. (orgs.). **Mundos gendrados alternativamente**: ficção científica, utopia, distopia. Maceió: Edufal, 2011.

COLLIN, Françoise; LABORIE, Françoise. Maternidade. In: HIRATA, Helena; LABORIE, Françoise; LE DOARÉ, Hélène; SENOTIER, Danièle. (orgs.). **Dicionário Crítico do Feminismo**. São Paulo: editora UNESP, 2009.

CORTÁZAR, Julio. “Some aspects of the short story”. In: MAY, E. Charles (ed.). **The new short stories theories**. Athens: Ohio University Press, 1994, p. 245-255.

CHODOROW, Nancy. **A psicanálise da maternidade**: uma crítica a Freud a partir da mulher. Tradução Nathanael C. Caixeiro. Rio de Janeiro, Rosa dos tempos, 2002.

DE BEAUVOIR, Simone. **O segundo sexo**. Tradução Sérgio Milliet. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

CUDDON, J. A. Parody. In: **Dictionary of literary terms and literary theory**. Harmondsworth: Penguin books, 1992.

DE LA ROCQUE, Lucia. Entre a natureza e a cultura: gênero, ciência e poder em Bloodchild, de Octavia Butler. In: SALGUEIRO, Maria Aparecida de Andrade (org.). **Feminismos, identidades, comparativismos**: vertentes nas literaturas de língua inglesa. vol. IV. Rio de Janeiro: Editora Europa, 2006, p. 71-82.

\_\_\_\_\_. Marge Piercy e seus mundos de mães, máquinas e ciborgues: tentativas de diluir as barreiras erguidas entre os conceitos de “natureza” e “cultura”, In: MONTEIRO, Maria Conceição; LIMA, Tereza Marques de Oliveira. (orgs.). **Entre o estético e o político**: a mulher nas literaturas de línguas estrangeiras. Ilha de Santa Catarina: Editora Mulheres, 2006.

DINIZ, Debora. Aborto: uma viagem ao Uruguai. Disponível em: <[http://www.anis.org.br/informe/visualizar\\_informes.cfm?IdInformes=144](http://www.anis.org.br/informe/visualizar_informes.cfm?IdInformes=144)>. Acesso em: dez. 2012.

\_\_\_\_\_. Aborto: os perigos da simplificação. Disponível em: <[http://www.anis.org.br/informe/visualizar\\_informes.cfm?IdInformes=127](http://www.anis.org.br/informe/visualizar_informes.cfm?IdInformes=127)>. Acesso em: dez. 2012a.

\_\_\_\_\_. Desejo de filhos. Disponível em: <[http://www.anis.org.br/informe/visualizar\\_informes.cfm?IdInformes=132](http://www.anis.org.br/informe/visualizar_informes.cfm?IdInformes=132)>. Acesso em: dez. 2012b.



DUCAO, Arlene. Bloody, bloody night: pregnancy, dominance, and devotion in "Bloodchild". Disponível em: <<http://www.arlduc.org/word/Bloodchild.html>>. Acesso em: 25 dez. 2007.

ECO, Umberto. **Seis passeios pelos bosques da ficção**. Tradução Hildegard Feist. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

ERICKSON, Glenn W; ERICKSON, Sandra S. F. Anatomia utópica: cânone & gênero. In: CORDIVIOLA, Alfredo; SANTOS, Derivaldo dos; CAVALCANTI, Ildney. (orgs.). **Fábulas da iminência**. Ensaios sobre literatura e utopia. Recife: Programa de Pós-graduação em Letras, UFPE, 2006.

FARIAS, José Niraldo. "O discurso literário e o discurso científico". In: **O desejo sobre a arrogância do literário**. Maceió: Edufal, 2007.

FAUSTO-STERLING, Anne. The five sexes: why male and female are not enough. Disponível em: <<http://www.uta.edu/english/timothy/Fausto-Sterling.pdf>>. Acesso em: 20 jan. 2013. [1993]

FUNCK, Susana Bornéo. Feminismo e utopia. Disponível em: <<http://www.ieg.ufsc.br/admin/downloads/artigos/02112009-113621funck.pdf>>. Acesso em: 8 jun. 2010.

\_\_\_\_\_. Motherhood: vision and revisions. In: **Feminist literary utopias**. Florianópolis: Pós-Graduação em inglês/UFSC, 1998.

HAIRSTON, Andrea. Octavia Butler – praise song to a prophetic author. In: LARBALESTIER, Justine (ed.). **Daughters of earth: feminist science fiction in the twentieth century**. Middletown, CT: Wesleyan University Press, 2006.

HELFORD, Elyce. "Would you really rather die than bear my young?": the constructions of gender, race, and species on Octavia Butler's "Bloodchild" – black woman culture issue. Disponível em: <[http://findarticles.com/p/articles/mi\\_m2838/is\\_n2\\_v28/ai\\_15787239/pg\\_8](http://findarticles.com/p/articles/mi_m2838/is_n2_v28/ai_15787239/pg_8)>. Acesso em: 8 out. 2007.

HUTCHEON, Linda. A intertextualidade, a paródia e os discursos da história. In: \_\_\_\_\_. **Poética do pós-modernismo**. Tradução Ricardo Cruz. Rio de Janeiro: Imago Ed, 1991.

\_\_\_\_\_. **Uma teoria da paródia**: Ensinaamentos das formas de arte do século XX. Tradução Teresa Louro Pérez. Lisboa: Edições 70, 1985.

ISER, Wolfgang. Os atos de fingir ou o que é fictício no texto ficcional. In: COSTA LIMA, Luiz (org.). **Teoria da literatura em suas fontes**. 3 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.

KIMURA, Amélia Fumiko. A construção da personagem mãe: considerações teóricas sobre identidade e papel materno. In: **Revista da escola de enfermagem da USP**, v. 31, n. 2, p. 339-346, ago., 1997.

KRISTEVA, Julia. Woman, psychoanalysis, politics. In: MOI, TORIL (ed.). **The Kristeva reader**. Oxford: Blackwell, 1995.

KUMAR, Krishan. **Utopia and anti-utopia in modern times**. Oxford: Basil Blackwell, 1987.

LEES, Susan H. Motherhood in feminist utopias. In: RORLICH, Ruby; BARUCH, Elaine Hoffman. **Woman in search of utopia**. Mavericks and mythmakers. New York: Schocken books, 1984.

MACENA-GOMES, Nayara. A narrativa do corpo doente em *Woman on the edge of time*, de Marge Piercy. In: Seminário nacional mulher e literatura e Seminário internacional mulher e literatura, XIV / V, 2011, Brasília. Caderno de Resumos. Brasília: UnB, 2011. p. 189-190.

MARIZ, Renata. Elas matam mais que os homens. Disponível em: <[http://www.anis.org.br//informe/visualizar\\_informes.cfm?IdInformes=152](http://www.anis.org.br//informe/visualizar_informes.cfm?IdInformes=152)>. Acesso em: dez. 2012a.

\_\_\_\_\_. Condenados para sempre. Disponível em: <[http://www.anis.org.br//informe/visualizar\\_informes.cfm?IdInformes=146](http://www.anis.org.br//informe/visualizar_informes.cfm?IdInformes=146)>. Acesso em: dez. 2012b.

MARTINS, Ana Cláudia Aymoré. **Morus, Moreau, Morel**. A ilha como espaço da utopia. Brasília: EdUnB, 2007.

MAYNARD, Pamela. Lessons from culture. Disponível em: <<http://depts.washington.edu/engl/ewp/eg/04.MaynardP.html>>. Acesso em: 25 dez. 2007.

MOYLAN, Tom. Utopia e pós-modernidade: seis teses. In: **LEITURA**. Maceió: Edufal, n. 32, p. 121-134, jul./dez. 2003.

\_\_\_\_\_. New maps of hell. In: **Scraps of the untainted sky**. Boulder: Westview Press, 2000.

\_\_\_\_\_. Introduction: the critical utopia. In: **Demand the impossible**: science fiction and the utopian imagination. New York: Methuen, 1986.

\_\_\_\_\_. Marge Piercy, *Woman on the edge of time*. In: **Demand the impossible**: science fiction and the utopian imagination. New York: Methuen, 1986.

PIERCY, Marge. **Woman on the edge of time**. New York: Fawcett Crest, 1983.

PLATÃO. **República**. Tradução de M. H. da Rocha Pereira. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1983.

PRADO, Amanda Priscila Santos. **Entre gênero, feminismo e utopia**: as reconfigurações da maternidade em “Bloodchild”, de Octavia Butler, e *Woman on the edge of time*, de Marge Piercy. 26p. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras-inglês). Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2009.

\_\_\_\_\_. Entre gênero, feminismo e utopia: as reconfigurações da maternidade em “Bloodchild”, de Octavia Butler, e *Woman on the edge of time*, de Marge Piercy. In: CAVALCANTI, Ildney; PRADO, Amanda. (orgs.). **Mundos gendrados alternativamente**: ficção científica, utopia, distopia. Maceió: Edufal, 2011.

RICH, Adrienne. Motherhood in bondage (1976). In: *On lies, secrets and silence: selected prose 1966 – 1978*. London: W. W. Norton & Company, 1979.

\_\_\_\_\_. When we dead awaken. In: **On lies, secrets and silence**: selected prose 1966 – 1978. London: W. W. Norton & Company, 1979.

RUSS, Joanna. What can a heroine do? Or why woman can't write. In: CORNILON, Susan Koppelman (ed.). **Images of woman in fiction**: feminist perspectives. Bowling Green, Ohio: Bowling Green University Popular Press, 1973.

\_\_\_\_\_. Recent feminist utopias. In: BARR, Marleen S. **Future females**: a critical anthology. Bowling Green, Ohio: Bowling Green State University Popular Press, 1981.

SANTOS, Rosa Maria dos. Distopia, gênero e ciência em “The evening and the morning and the night”, de Octavia Butler. In: CAVALCANTI, Ildney; PRADO, Amanda. (orgs.). **Mundos gendrados alternativamente**: ficção científica, utopia, distopia. Maceió: Edufal, 2011.

SAWADA, Anunciata; CAVALCANTI, Ildney; DE LA ROCQUE, Lucia. Gênero, maternagem e poder: variações em Butler e Atwood. Disponível em: <[http://www.fazendogenero.ufsc.br/8/sts/ST58/Sawada-Cavalcanti-Rocque\\_58.pdf](http://www.fazendogenero.ufsc.br/8/sts/ST58/Sawada-Cavalcanti-Rocque_58.pdf)>. Acesso em: nov. 2012.

STEVENS, Cristina Maria Teixeira. Maternidade e feminismo: diálogos na literatura inglesa. In: CAVALCANTI, Ildney; LIMA, Ana Cecília; SCHNEIDER, Liane (orgs.). **Da mulher às mulheres**: dialogando sobre literatura, gênero e identidades. Maceió: Edufal, 2006.

\_\_\_\_\_. O corpo da mãe na literatura: uma ausência presente. Disponível em: <<http://www.uesc.br/seminariomulher/anais/PDF/CRISTINA%20MARIA%20TEIXEIRA%20STEVENS.pdf>>. Acesso em: 25 dez. 2007.

TODOROV, Tzvetan. **Introdução à literatura fantástica**. Tradução Maria Clara Correa Castello. São Paulo: Perspectiva, 2010.